

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Departamento de Comunicação
Projeto Experimental em Comunicação – Monografia

Olhares sobre a mudança da identidade do jornalista nas últimas décadas.

As diferentes percepções acerca do que é ser jornalista por profissionais que trabalharam em momentos distintos da história do país.

Jerusa Campani

Porto Alegre, 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
PROJETO EXPERIMENTAL EM COMUNICAÇÃO – MONOGRAFIA

Olhares sobre a mudança da identidade do jornalista nas últimas décadas.

As diferentes percepções acerca do que é ser jornalista por profissionais que trabalharam em momentos distintos da história do país.

Jerusa Campani

Orientador: Wladimir Ungaretti

Co-orientador: Luiz Alberto Grijó

Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo

Porto Alegre, novembro de 2011.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, que me apoiou desde o começo, e me aplaudiu até o final deste trabalho.

Aos meus entrevistados, agradeço pela atenção e disponibilidade.

**Meu professor, orientador e grande amigo
Wladimir Ungaretti, pela confiança.**

Meu co-orientador Luiz Alberto Grijó, por abrir meus horizontes na pesquisa.

Resumo

Este trabalho estuda as mudanças da profissão de jornalista a partir dos relatos de três profissionais de diferentes gerações que viveram momentos particulares da história do país e do próprio jornalismo. A fim de comparar os três depoimentos e chegar a um panorama da realidade do jornalismo de hoje, montamos um questionário comum, além de levantar questões pontuais sobre a carreira de cada entrevistado.

Palavras-chave: jornalismo; mudanças; gerações; entrevistas

Abstract

The present work studies the changes of journalism from analyzing the reports of three professionals from different generations who lived particular moments in the country history and in the journalism history itself. In order to compare the three statements and get an overview of the reality of journalism today, we set up a common questionnaire and also raises specific questions about their careers.

Key-words: journalism; changes; generations, interviews

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. MEUS REFERENCIAIS	11
2.1 A CIÊNCIA E A QUEBRA DE PARADIGMAS.....	11
2.2 A IMPRENSA E O CAPITALISMO.....	12
2.2.1A evolução do jornalismo e do capitalismo no Brasil	12
2.2.2Hoje: a indústria da notícia	15
2.3 MÉTODOS DE PESQUISA.....	17
2.4 SOBRE HISTÓRIA ORAL	19
2.4.1 A importância de uma história oral para o jornalismo	21
3. ENTREVISTAS.....	22
3.1 FLÁVIO TAVARES	22
3.2 CACO BARCELLOS	32
3.3 RODRIGO LOPES.....	53
4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	69
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	80

1. Introdução

Ao longo da evolução econômica, política e social do Brasil e do mundo, a função do jornalista, bem como seu comportamento, mudou substantivamente dentro das redações e perante a sociedade.

O profissional do jornalismo antes era visto como um formador de opinião, muitas vezes, engajado politicamente e pensador da sociedade como um todo - e assim se esperava que ele fosse. Hoje, ao contrário, o jornalista *deve* ser “imparcial” e deixar que a notícia, teoricamente, fale por si. Mesmo que, na prática, o profissional continue formando sentenças e julgamentos, a maioria segue, ou diz seguir, uma premissa de que não é esse o seu papel.

Se há algumas décadas era comum um jornalista despender meses e até anos para produzir uma grande reportagem, hoje não se gasta tanto tempo, nem se dá espaço para esse tipo de matéria nos jornais diários, por exemplo. E mesmo nos poucos momentos em que os jornais de hoje permitem uma maior investigação sobre algum caso, tanto a equipe liberada para isso, quanto o tempo de trabalho de campo são consideravelmente menores que antes. E o jornalista da redação precisa produzir diversas matérias para uma mesma edição. Muitas vezes, não há tempo hábil para conferir algumas informações e detalhes, cometendo os erros que encontramos diariamente no material que é publicado.

Com o avanço da tecnologia e a rapidez da disseminação da informação pela internet, aumentou, também, a velocidade de produção jornalística nos veículos de comunicação. Profissionais que trabalharam em outro momento do jornalismo defendem que esse ritmo acelerado e frenético influenciou diretamente no trabalho e no caráter do jornalismo: não há mais tempo para discussões éticas, investigações ou, até mesmo, autocrítica do trabalho que se produz nas redações. Enquanto isso, muitos jornalistas da geração da tecnologia avançada acreditam que isso só facilitou e dinamizou o processo de apuração e de transmissão das notícias.

Não se pode afirmar categoricamente que as mudanças foram para pior ou para melhor. Se, por um lado havia mais tempo para o pensamento crítico, nem sempre ele pode ter sido bem “aproveitado”. A existência de um jornalismo mais

político não era, necessariamente, sinal de um trabalho a serviço da sociedade – como se propõe, em princípio, a profissão. Embora seja inegável, também, que o maior acesso à informação auxilie no processo de produção, a cópia indiscriminada de conteúdo é abusiva, muitas vezes até reproduzindo os mesmos erros de um veículo para o outro.

A partir dessas situações e de tantas outras que serão aqui relatadas, este trabalho de monografia pretende colocar em debate e analisar as principais mudanças no trabalho jornalístico, na rotina das redações e na própria identidade desse profissional ao longo das últimas décadas no Brasil.

E, para não fazer aqui um juízo de valor sobre essa mudança, optamos por trabalhar com percepções e relatos pessoais de quem viveu essas transformações em uma ou algumas das fases da profissão. Neste trabalho, três jornalistas de diferentes gerações falam sobre suas experiências e, de acordo com elas, suas impressões quanto ao jornalismo atual e o “antigo”.

Os jornalistas Flávio Tavares, Caco Barcelos e Rodrigo Lopes foram os escolhidos para colaborar nessa pesquisa. A escolha pelos três nomes se deu pela possibilidade de representação de diferentes períodos, não só do jornalismo como da própria história do Brasil; e, claro, pela bagagem que cada um carrega. A ideia foi comparar esses três depoimentos a partir de algumas questões pontuais e outras que se formaram ao longo da entrevista com cada um.

Sobre os três entrevistados:

Flávio Tavares, hoje com 77 anos, atuou como jornalista desde a década de 50 e pôde viver e acompanhar, de perto, episódios marcantes da história nacional como o *Getulismo* e o *Movimento da Legalidade*. Foi correspondente internacional da Folha de São Paulo e do Estadão e, durante a ditadura militar, foi preso e exilado político. É autor de livros como “O Dia em que Getúlio Matou Allende” e “Memórias do Esquecimento”.

Em outra fase importante da história do país, a ditadura militar, surge o jornalista Caco Barcellos. Hoje com 61 anos, Caco ingressou no jornalismo no periódico gaúcho *Folha da Manhã* e teve destaque na imprensa alternativa, que

eclodiu na década de 70. É referência até hoje em jornalismo investigativo por livros como “Rota 66” e “O Abusado”.

Na geração mais recente, que viveu o avanço do neoliberalismo no Brasil da década de 90, está o jornalista Rodrigo Lopes, de 32 anos. Ele atua hoje como colunista do caderno Mundo do jornal *Zero Hora* e é considerado o “repórter multimídia” do Grupo RBS.

Esses três jornalistas fizeram seus relatos sobre suas carreiras no jornalismo e suas diferentes percepções sobre as outras etapas pelas quais a profissão vem passando. A partir desses depoimentos foi possível construir uma comparação que levanta o debate sobre a mudança da figura do jornalista e de sua produção.

Para falar sobre essas percepções, o método de pesquisa escolhido foi a História Oral, que “privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, Verena, 2004, p. 18).

As entrevistas foram feitas pessoalmente e por vídeo-conferência com cada jornalista, entre agosto e novembro de 2011. As respostas foram transcritas na íntegra, apenas com algumas edições, a título de organização dos assuntos abordados. Elaboramos um questionário comum para os três entrevistados, a fim de traçar, a partir das divergências entre eles, um panorama sobre as principais mudanças ocorridas nas últimas décadas. Outras perguntas individuais surgiram ao longo das entrevistas e ajudaram a delinear o perfil de cada um dos entrevistados.

Como jornalista e pesquisadora em início de carreira, acredito que obter informações através da história oral seja a forma mais sincera e coerente de se fazer um trabalho de conclusão no curso de jornalismo. Afinal, entrevista deve ser uma de nossas maiores práticas, bem como a intimidade com fatos históricos relevantes tanto para a imprensa como para o país. Sem esse conhecimento, não é possível ser um profissional da comunicação, tampouco graduado em um curso da área humana.

É importante destacar, também, que esse trabalho não pretende revelar as deficiências do jornalismo atual, nem exaltar as qualidades do antigo. Tampouco pretende criar teorias e explicar os motivos que levaram a profissão a chegar ao

ponto que chegou, com a filosofia e as premissas que segue atualmente. O objetivo aqui é colocar em discussão essas mudanças, apontando seus momentos cruciais e, principalmente, descrevendo, a partir das próprias palavras dos jornalistas, como os profissionais que viveram essas transformações vêem o jornalismo.

2. Meus Referenciais

2.1 A ciência e a quebra de paradigmas

Segundo Thomas Kuhn (1975), a ciência dita “normal” não se propõe descobrir novidades no terreno dos fatos ou da teoria e, quando bem feita, realmente não o faz. Mas “fenômenos novos e insuspeitados são periodicamente descobertos pela pesquisa científica; cientistas têm constantemente inventado teorias radicalmente novas.” (Thomas Kuhn, 1975, p. 78). Apesar de não produzirem novos tipos de fatos, a pesquisa referente à teoria faz parte da ciência normal.

A descoberta, apesar de ser mais valorizada e mais incentivada, na maioria das vezes, nem sempre é mais válida do que a análise dos fenômenos acerca de teorias já formuladas.

“Os procedimentos e aplicações do paradigma são tão necessários à ciência como as leis e teorias paradigmáticas – e têm os mesmos efeitos. Restringem inevitavelmente o campo fenomenológico acessível em qualquer momento da investigação científica.” (KUHN, Thomas, 1975, p. 87)

O autor explica que essa descoberta dificilmente pode ser feita de uma só vez. Muitas vezes, é preciso analisar, primeiramente, as anomalias e peculiaridades do material estudado, até que o pesquisador esteja familiarizado o bastante com o objeto e possa a partir do estudo dessas anomalias, complementar a descoberta.

“Na ciência, a novidade somente emerge com dificuldade (que se manifesta através de uma resistência) contra um pano de fundo fornecido pelas expectativas. Inicialmente experimentamos somente o que é habitual e previsto, mesmo em circunstâncias nas quais mais tarde se observará uma anomalia. Contudo, uma maior familiaridade dá origem à consciência de uma anomalia ou permite relacionar o fato a algo que anteriormente não ocorreu conforme o previsto. Essa consciência da anomalia inaugura um período no qual as categorias conceituais são adaptadas até que o que inicialmente era considerado anômalo se converta no previsto. Nesse momento, completa-se a descoberta. (*idem*, p. 91)”

Segundo Kuhn, esse processo intervém na emergência de todas as novidades científicas fundamentais. Reconhecendo todo esse processo, é possível entender como a ciência normal pode ser tão eficaz para provocar essas novidades.

No desenvolvimento de qualquer ciência, admite-se habitualmente que o primeiro paradigma explica com bastante sucesso a maior parte das observações e experiências facilmente acessíveis aos praticantes daquela ciência. E a anomalia da teoria aparece somente contra o pano de fundo proporcionado pelo paradigma. Quanto maiores for a precisão e o alcance de um paradigma, tanto mais sensível este será como indicador de anomalias e, conseqüentemente, de uma ocasião para a mudança de paradigma. No processo normal da descoberta, até mesmo a mudança tem uma utilidade.

Kuhn afirma também que as mudanças nas quais essas descobertas estiveram implicadas foram, todas elas, tanto construtivas como destrutivas. Depois da assimilação da descoberta, os cientistas encontravam-se em condições de dar conta de um número maior de fenômenos ou explicar mais precisamente alguns dos fenômenos previamente conhecidos, tal avanço somente foi possível porque algumas crenças ou procedimentos anteriormente aceitos foram descartados e, simultaneamente substituídos por outros.

Se a consciência da anomalia desempenha um papel na emergência de novos tipos de fenômenos, ninguém deveria surpreender-se com o fato de que uma consciência semelhante, embora mais profunda, seja um pré-requisito para todas as mudanças de teoria aceitáveis.

2.2 A Imprensa e o capitalismo

2.2.1 A evolução do jornalismo e do capitalismo no Brasil

Em 1953 foi sancionada a nova Lei de Imprensa, que se manteria até 1967, em substituição à lei de 1934. A implantação da indústria de base iniciada por Getúlio criava pré-requisitos para o desejado crescimento material e as conquistas técnicas advindas de diversos setores sinalizavam condições favoráveis para o desenvolvimento do país. (Ana Luiza Martins e Tânia Regina de Luca p.75)

No plano social, nascia e crescia uma classe média trabalhadora nas principais capitais do país. Uma classe fortemente motivada para o consumo,

envolvida por apelos sedutores das revistas ilustradas, pelas propagandas veiculadas nas rádios e pelas mensagens envolventes que o cinema trazia por Hollywood. Mas, nessas mesmas cidades, também aumentava a população migrante, que vinha em busca de trabalho para os grandes centros e já “ocupava desordenadamente o espaço num processo descontrolado de inchaço urbano, sem planejamento social.”

Os sinais promissores daquela década se opunham às imensas desigualdades sociais e econômicas que marcavam todo o território nacional. A grande imprensa escrita agigantara-se, enquanto a imprensa falada – através de 243 emissoras de rádio que estavam no ar em 1950 – deslanchara com a propaganda e a publicidade. Também na década de 50 surgia a TV, o mais poderoso veículo de difusão da cultura de massas. Sua força como mídia decisiva, contudo, viria alguns anos mais tarde.

No intervalo mediando duas ditaduras, entre 45 e 64, as cidades e a imprensa brasileiras – instâncias imbricadas – conheceram surto de efetiva modernização, numa condução, novamente, imediatista. Essas décadas foram marcantes para a grande imprensa, que se profissionalizou, investiu em maquinário de ponta, construiu grandes sedes próprias e “fez de seus capitães de indústria e de seus editores homens de extremo poder, tornando os órgãos da mídia instrumentos decisivos de controle da vida nacional.” (Martins, Ana Luiza, 2008, p.76).

É fato que o capitalismo, assim como as conseqüências de seu avanço, contribuiu para a mudança do fazer jornalístico no Brasil e no mundo. Cremilda Medina também faz uma análise das diferentes fases do jornalismo a partir de um estudo de Fernando Henrique Cardoso sobre o capitalismo.

Medina (1978) divide o jornalismo entre opinativo, que teria predominado no Brasil até o final dos anos 1950, e noticioso que passou a predominar a partir da década de 60, com influência norte-americana e de seus ideais de objetividade e neutralidade. A periodização cabe especificamente ao jornalismo noticioso.

A partir dos Estudos de Fernando Henrique Cardoso sobre o desenvolvimento do capitalismo brasileiro, Medina (1978) existem três subfases desse jornalismo: a primeira se daria entre 1950 e 1962 e seria a da substituição das importações,

quando o modelo norte-americano se torna referência para a imprensa nacional. Hohlfeldt (2002) diz que ela coincide com o retorno de jornalistas brasileiros em estágio nos Estados Unidos - entre eles, Samuel Wainer, Danton Jobim e Pompeu de Souza - que, ao chegarem ao Brasil, promoveram grandes mudanças estruturais em jornais como Diário Carioca e Jornal do Brasil. Sobre essa influência, José Arbex Jr. afirma:

“No Brasil, a influência da mídia estadunidense é particularmente avassaladora, por uma série de circunstâncias históricas e culturais, que tem de ver, genericamente com a inserção do país na periferia do sistema capitalista, e mais especificamente, nas últimas décadas, com a subordinação geopolítica e econômica aos interesses dos Estados Unidos, primeiro no quadro da Guerra Fria e depois no mundo globalizado.” (ARBEX, José, p. 42)

A segunda subfase de Medina é a da implantação de indústrias de bens de consumo duráveis, com a conseqüente diversificação da produção industrial e a entrada significativa de investimentos estrangeiros. Posterior ao golpe militar de 1964, seria representativo desse momento o acordo das Organizações Globo com o grupo Time-Life. Hohlfeldt (2002, *apud* FONSECA, 2008, p. 99) acrescenta como significativa a esse período a decadência dos Diários e Emissoras Associados, de Assis Chateaubriand e a ascensão dos conglomerados de comunicação que reúnem diversas mídias (jornais, rádios, TVs).

A terceira e última fase seria caracterizada pela dinamização econômica, pela exportação de produtos semimanufaturados e de alguns produtos industrializados: a indústria da mídia exporta produtos culturais de consumo popular, como novelas, minisséries, documentários, etc. Ainda segundo o autor, esse é o momento marcado pela abertura dos meios alternativos de comunicação, entre os quais a Internet.

Virgínia Fonseca explica como a atmosfera de otimismo econômico, e o conseqüente estímulo ao consumo, influenciaram no modo de produção jornalística e em seus principais agravantes.

“A euforia vivida pela classe média nutrida no milagre econômico forneceu à grande imprensa a justificativa de mercado para um jornalismo complacente, através de produtos de disseminação cultural, como os fascículos e as revistas de lazer, nos quais o jornalismo crítico era secundário. A visão triunfalista de economia baseada na mitificação do crescimento do PIB monopolizou o noticiário em detrimento de política. Com o fechamento do Correio da Manhã, a linha triunfalista passa a dominar sem grandes dissonâncias.” (FONSECA, Virgínia, p.100)

É impossível não ligar a mudança do fazer jornalístico a esses pontos que dizem respeito ao avanço do capitalismo e o avanço tecnológico. Visto que toda lógica trabalhista se modifica e as empresas de comunicação se modernizam e se modelam aos novos padrões das estruturas de negócio e da indústria cultural, a produção jornalística também se vê obrigada a mudar.

2.2.2 *Hoje: a indústria da notícia*

Quando a informação passa a ser tratada como mercadoria, e as empresas jornalísticas evoluem para indústrias culturais, o jornalismo passa a ser produzido em escala, realmente, industrial. No Brasil, essa indústria se consolida como negócio na década de 1960.

Sobre o momento atual do jornalismo no Brasil, Virgínia Fonseca também cita a situação econômica e o avanço tecnológico do país como fatores fundamentais para a acumulação de tarefas a um mesmo profissional no jornalismo – uma prática comum na maioria das redações, atualmente.

“A nova conjuntura econômica e tecnológica exige do jornalista a maximização de conhecimentos de natureza técnica. Em contraposição ao modelo fordista, o trabalho não se organiza mais pela lógica da divisão de tarefas (como pauteiro, repórter, redator, diagramador, editor, etc.). Sob o regime flexível de estruturação do trabalho, freqüentemente o jornalista acumula funções: propõe pautas, apura as informações, redige o texto final, diagrama e edita a matéria, o que implica o uso mais de habilidades que, propriamente, de conhecimentos acerca da realidade a ser representada.” (FONSECA, Virgínia, 2008, p. 108)

Com a visão mercadológica dominando as redações jornalísticas, a notícia não tem mais uma relevância puramente social, mas sim um valor comercial, que interessa à grande indústria do jornalismo que se formou nessa época. E, como para

todo produto comercializado, o “público-alvo”, o “consumidor” da notícia tem um valor crucial para o sucesso e, claro, para a rentabilidade do produtor dessas notícias. Sobre a chamada indústria da notícia e o produto jornalístico pós-fordista, Fonseca destaca:

“Visando ao aumento do público, o jornalismo, concebido quase exclusivamente como negócio, modificou profundamente seu conteúdo. Matérias que visam mais ao entretenimento e à prestação de serviços ganham espaço em detrimento dos temas de interesse público, sem apelo mercadológico, ou em desacordo com o ‘gosto do leitor’. Também com o objetivo de aumentar o número de leitores/consumidores, os conglomerados inseriram a segmentação de conteúdos na lógica jornalística. Surgiram os cadernos especializados para jovem, mulher, vestibulandos, carros, culinária, etc., além dos fascículos e brindes que foram criados para atrair um público que antes não se interessava pelos conteúdos usuais dos jornais. Trata-se do produto jornalístico pós-fordista.” (FONSECA, Virgínia, 2008, p.110).

Sobre esse jornalismo de serviço, Cremilda Medina afirma que ele é indubitavelmente importante, desde que o jornalismo existe; por outro lado, sempre houve, também, a necessidade da voz individual, a voz de opinião – e essa se dava na reportagem, que praticamente foi extinta dos grandes jornais. Segundo a autora, hoje se constata, até, certo desprezo e desleixo por essa democratização dos sentidos.

Medina também aponta para a divisão do trabalho nas redações seguindo o fenômeno industrial. A autora defende que a fragmentação de conteúdos é um problema, e que é preciso resgatar a essência do jornalismo, pois já não estamos na fase industrial (e sim, na pós-industrial). Afinal, o profissional do século XXI, segundo Medina, como a maioria dos jornalistas, tem a responsabilidade da produção cultural do futuro, e não há narrativa nem matéria jornalística que não seja produção cultural. O que se diz da realidade à nossa volta é representado simbolicamente no discurso jornalístico, e por isso Medina defende ferozmente a “volta” da reportagem – que seria onde o jornalismo se realiza substantivamente.

Bucci (2002) critica a cultura de auto-suficiência das redações atuais, e procura, muitas vezes, explicá-la ou entendê-la (mas não justificá-la) pela realidade política do Brasil e a vigência de regimes autoritários. Na ditadura, o jornalismo desenvolveu uma cultura de não aceitar questionamentos sobre seus métodos e seus

procedimentos. Mas, à medida que a sociedade foi se democratizando, o trabalho do jornalista não mais dependia tanto de seus segredos, mas muito mais de sua legitimação social; de sua importância para a sociedade.

“Quanto mais é democrática a sociedade, menos basta aos jornalistas oferecer ao público *apenas* notícias de relevância em primeira mão: é necessário também compartilhar com o público os métodos e processos que envolvem a apuração e a edição das informações que são tornadas públicas.” (BUCCI, Eugênio, p. 46)

O autor defende, ainda, que o compromisso principal do jornalista não é com a empresa para a qual trabalha, mas sim com o cidadão. Afinal, é para ele que é feito o jornal, ele que o compra e, conseqüentemente, é ele que os anunciantes pretendem conquistar quando investem grandes quantias em publicidade nas páginas dos jornais, intervalos comerciais de rádio e TV, anúncios na internet, etc. Portanto, deveria ser ele o primeiro a merecer a discussão e as ponderações éticas do jornalista.

2.3 Métodos de Pesquisa

Lucia Santaella faz uma divisão entre os tipos de ciências. Separando-as em ciências formais, nas quais o conhecimento é intuitivo, racional e, obviamente, formal, obtido através do raciocínio dedutivo, e as ciências empíricas, nas quais, além do conhecimento discursivo, obtido pela indução e dedução, há também aquele que é obtido através da experimentação que se fundam na percepção sensorial.

Santaella defende que metodologias não são nem devem ser receituários ou instrumentações que podem ser aplicadas a todos os campos, todos os assuntos e todos os problemas de pesquisa. A pesquisa e sua metodologia exigem intimidade com a área na qual se pesquisa. Para a pesquisa em comunicação, a autora afirma que é necessário estudar com cuidado seu desenvolvimento histórico, conhecer o que os comunicólogos estão fazendo, inteirar-se de suas teorias, familiarizar-se com os métodos que empregam e das diferentes situações nas quais os empregam, contribuir, através da competência que o tempo e a dedicação trazem, com a

transformação e o aperfeiçoamento desses métodos através de pesquisas próprias, para “tornar-se membro de uma comunidade de pessoas que idealmente deveriam unir-se em torno de um interesse comum: promover o crescimento e a excelência das pesquisas na área em que atuam” (Santaella, 2001. p.131).

Atualmente, existe uma grande variabilidade de métodos de pesquisa, principalmente nas ciências humanas. Nas ciências formais, existem regras de pesquisa devem ser estritas, e nas ciências da natureza, os protocolos de pesquisa são prescritivos, além de essas ciências serem menos passíveis de mudanças radicais de vocabulário, discursos, e metavocabulários – que afetam as ciências humanas.

Essa variabilidade, porém, não pode ser motivo para desconsiderar o método de pesquisa que se realiza nas ciências humanas, como destaca Demo:

“A despreocupação metodológica coincide com baixo nível acadêmico, pois passa ao largo da discussão sobre modos de explicar, substituindo-a por expectativas ingênuas de evidências prévias. Nada favorece mais o surgimento do discípulo “copiador” que a ignorância metodológica “(DEMO, 1990, p. 24)

Demo (1985, p. 21) faz, ainda, a distinção entre as duas vertentes metodológicas mais típicas, das quais resultam os principais métodos de pesquisa: a derivada da teoria do conhecimento e a que estuda a sociologia do conhecimento. Para as ciências sociais, o método dialético é privilegiado pelo autor, pois “sem deixar de ser lógico, demonstra sensibilidade pela face social dos problemas” e seu pressuposto fundamental é que “toda formação social é suficientemente contraditória para ser historicamente superável”.

Especificamente na área da comunicação, DeVito (1997, p.60 *apud* SANTAELLA, 2001, p. 128) divide as pesquisas em três grandes classes, das quais forneceu exemplares como ilustração: a descritiva, a histórica-crítica e a experimental. A primeira, como o próprio nome já diz, tem por objetivo descrever algo, como comportamentos, atitudes, valores, etc. Podem se realizar em trabalhos de campo, através da observação sistemática ou por meio da construção de panoramas sobre um assunto. Em alguns aspectos, é o que se faz neste estudo. Da mesma forma, a pesquisa histórico-científica, que busca a reconstrução do passado

para melhor entender os fenômenos atuais relata um pouco do trabalho realizado nesta pesquisa. Ela pode ser realizada através de livros, jornais, transcrições, vídeos, etc. A experimental, em termos gerais, formula hipóteses prévias de verdade e métodos de verificação explícita dessas hipóteses, com a finalidade de extrair leis, fazer generalizações e elaborar teorias explicativas do fenômeno observado.

2.4 Sobre História Oral

Dentre os métodos de pesquisas mais utilizados para pesquisas históricas, a história oral é a que mais se assemelha ao trabalho do jornalista. Consequentemente, ela se aproxima, também, à forma como o profissional do jornalismo contribui para a história do país. Uma vez que o jornalista trabalha, em suas matérias, com as percepções dos entrevistados e suas diferentes versões e pontos de vista distintos sobre um mesmo acontecimento, o historiador também procura na história oral, explicar e entender fatos que só impressões humanas são capazes de descrever.

Segundo o historiador Richard Smith, as fontes orais “tornam visíveis as formas de vida coletiva que são difíceis (embora não sejam impossíveis) de documentar de outras maneiras”. Hoje, como no passado, as pessoas criam e mantêm uma vida compartilhada imaginativa quando se reúnem e conversam, seja na mesa da cozinha, no restaurante ou no botequim, ou mesmo nos corredores da universidade. Elas compartilham suas histórias e seus relatos a fim de desenvolver um entendimento comum sobre quem elas são.

“Esses entendimentos informais e coletivos permeiam todas as decisões e também formam o pano de fundo de cada entrevista. Contos, pessoais e sociais ao mesmo tempo, fornecem evidências para a reconstrução das comunidades, das suas preocupações anteriores e dos conflitos do passado. A história oral permite a recuperação das ideias que foram importantes, mas não bem documentadas em papel ou fontes literárias.”
(SMITH, Richard, 2010, p.29)

A linguagem comunica porque cria a “experiência” em formas convencionais. Os historiadores que trabalham com fontes orais, muitas vezes, falam sobre a memória e em como ter contato com essa a memória mais profundamente. Os relatos orais, com seus elementos individuais, são capazes de simplificar eventos complexos

numa imagem simples, facilmente entendida por quem a ouve ou a lê. O objetivo é comunicar um julgamento sobre o que aconteceu; convidar outra pessoa para compartilhar a perspectiva emocional do narrador.

Paul Ricoeur (1984, p. 37 *apud* SMITH, 2010, p. 31) argumenta que “a interpretação da ação governa a qualidade ética das personagens.” O julgamento ético determina tudo o que é dito. Mas o símbolo é uma forma sintética de compreensão. Não é analítico. Não pode explicar; só pode julgar. Sob uma perspectiva analítica, a fala é incompleta, mas por isso a fala sempre estimula mais a falar. Os relatos orais estão sempre procurando uma compreensão mais ampla através de um processo contínuo de reinterpretação.

Para Paul Thompson, as tradições orais são documentos do presente, porque são narradas neste tempo, mas trazem em si, ao mesmo tempo, uma mensagem do passado.

“Atribuir todo o seu conteúdo ao evanescente presente, como fazem alguns sociólogos, é mutilar a redução, isto é reducionista. Ignorar o impacto do presente como tem feito alguns historiadores é igualmente reducionista. As tradições devem ser sempre compreendidas como refletindo simultaneamente o passado e o presente.” (THOMPSON, Paul, 1988, p. 194)

Thompson entende que o valor histórico do passado apóia-se em três pontos fortes. Primeiro ele pode proporcionar, e de fato proporciona, informação significativa e, por vezes, única sobre o passado. Em segundo lugar, pode também transmitir a consciência individual e coletiva que é parte integrante desse mesmo passado. Mais do que isso, a humanidade viva das fontes orais atribui-lhes uma terceira força que é excepcional. Pois as instituições reflexivas da retrospectão de modo algum constituem sempre desvantagem. (p.195)

O autor afirma, ainda que toda a fonte histórica derivada da percepção humana é, por sua natureza, subjetiva, mas apenas a fonte oral nos permite desafiar essa subjetividade. Ele diz que o historiador atua como uma espécie de psicanalista, cavando as histórias da memória do entrevistado, podendo até extrair “os mais profundos segredos”.

2.4.1 A importância de uma história oral para o jornalismo

Segundo Suely Maciel (2006), embora tanto o jornalismo quanto a História Oral partam da realidade no presente, a História Oral se preocupa com o aparecimento dos fatos a partir da memória de indivíduos e grupos. Não interessa, na sua abordagem, a comprovação da 'verdade', mas sim “a atribuição de sentidos para os acontecimentos a partir do relato dos indivíduos, com todas as marcas próprias da subjetividade, como interditos, emoções, esquecimentos, rupturas etc.” (MACIEL, Suely, 2006)

A autora defende que o objetivo da História Oral é identificar aspectos que permitam trazer à tona outras formas de entendimento dos fatos do mundo, normalmente apagadas, negligenciadas, desprezadas, esquecidas ou simplesmente desconhecidas. Exatamente como acontece na discussão sobre a visível mudança do fazer jornalístico, que não é normalmente analisado como fenômeno. Não há nem grandes estudos, tampouco discussões profundas sobre o assunto. Simplesmente segue-se da mesma maneira, cada vez mais refém do mercado.

O Jornalismo ergueu o seu estatuto, principalmente a partir do século passado, sobre os preceitos da objetividade, da neutralidade, da isenção, da imparcialidade e da veracidade (Lage, 2001 *apud* Maciel, 2006). Como, na prática, isso é impossível, desenvolve-se sob dinâmicas que visam justamente garantir esses efeitos quanto aos discursos que constrói (Maciel, 2006). Enquanto isso, a História Oral tem o propósito de promover o conhecimento e o debate da realidade da vida social, como salienta a autora:

“A História Oral também se apresenta como uma forma alternativa de compreensão da sociedade a partir de documentos de uma outra ordem: a oralidade assume a primazia frente aos registros escritos e passa a constituir as fontes orais, sobre as quais se desenvolverá a investigação dos oralistas. E nesse trabalho, tornam-se objeto da pesquisa tanto as experiências individuais quanto as coletivas, de pessoas anônimas ou não”. (MACIEL, Suely, 2006)

A partir dessa análise, foi feita a escolha dos entrevistados para este trabalho de pesquisa. Todos têm interessantes histórias para contar e já escreveram livros sobre muitas delas. O objetivo é contar um pouco a história de cada um deles, e

tentar, assim, não explicar, mas sim explicitar e colocar em debate a história do próprio jornalismo no Brasil.

3 Entrevistas

3.1 Flávio Tavares

Flávio Tavares nasceu em Lajeado, Rio Grande do Sul, em 1934, período anterior ao início da Segunda Guerra Mundial. Na cidadezinha de colonização alemã, com a maioria absoluta simpatizante de Hitler, Flávio se alfabetizou lendo as notícias da Segunda Guerra Mundial. Descendente de franceses por parte de pai acompanhou a queda da França e as disputas na região entre católicos e protestantes. Esses acontecimentos marcaram sua infância.

Estudou em um colégio público da cidade no primário e depois em um colégio marista, onde teve a maior parte de sua formação. Em 1950, com 16 anos, veio para Porto Alegre estudar no curso Clássico e morar na Casa da Juventude Católica (JUC). Lá, onde o grupo político forte era formado por integralistas, Flávio lia a *Tribuna Gaúcha*, um jornal comunista. Nessa época, teve contato com um grupo socialista judeu, o Movimento Socialista Sionista Dror, que o motivou a filiar-se, em 1951, no Partido Socialista. Segundo Flávio, nessa época o Partido Socialista era uma espécie de clube, um local de encontro para discussões e não propriamente um partido de massas.

Com Getúlio Vargas de volta ao poder, em 1950, o PTB elege no Rio Grande do Sul, Ernesto Dornelles, primo de Getúlio, como governador. Nesse momento da história política do Estado, aparecem Jango como secretário de Justiça e Brizola, como secretário de Obras Públicas.

Em 1952, Flávio vai estudar no colégio Júlio de Castilhos e é eleito presidente do Grêmio Estudantil – na época, um órgão de grande prestígio em Porto Alegre. Em 1953 entra na faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e um ano depois já é eleito presidente da União Estadual de Estudantes. E é graças a esse cargo que Flávio ingressa na carreira, segundo ele por acaso, jornalística.

O que te levou a ser jornalista?

Nunca pensei em ser jornalista. Fiz faculdade de Direito e não cheguei a terminar a de História Geral, que hoje é chamada de Biologia. Acabei sendo jornalista por acaso.

Como presidente da União Nacional dos Estudantes, fui ao Congresso Internacional dos Estudantes, na URSS. Naquela época, ir a União Soviética era como ir a Marte. Era uma coisa quase impossível. E de lá ainda fui convidado pela Federação Chinesa de Estudantes, juntamente com outros estudantes latino-americanos, a visitar a China Comunista. Eu era muito jovenzinho, mas foi incrível.

Na volta, em 1955, me convidaram para escrever num semanário que havia em Porto Alegre muito bem feito, o “A Hora”. O secretário de redação, de fato diretor da redação, era o Sérgio Jockyman¹, que morreu agora há pouco tempo. Um sujeito muito talentoso. Um ótimo jornalista do Rio Grande do Sul. Comecei a escrever, nesse jornal, uma série de artigos que se chamava “*Eu fui hóspede do Kremlin*”, que falavam sobre minha viagem. Então fui jornalista por acaso. Mas sempre gostei de escrever.

Na verdade, comecei a escrever em jornal com 11 anos. Meu pai era juiz, e naquela época o Correio do Povo chamava personalidades da cidade, pessoas importantes para serem correspondentes do jornal. Aí eu fazia algumas notas para ele, na parte de esportes, mas pouca coisa.

Mas minha grande experiência jornalística foi no *Última Hora*, quando nós fizemos a edição gaúcha do jornal. Foi o grande jornal brasileiro, o renovador da imprensa

¹ **Sérgio Jockyman** (Palmeira das Missões, abril de 1930 – fevereiro de 2011). Jornalista, romancista, poeta, e dramaturgo. Além de diretor do jornal *A Hora*, trabalhou como comentarista nos jornais *Diário de Notícias* de Porto Alegre; na Companhia Jornalística Caldas Júnior, nos jornais *Correio do Povo* e *Folha da Tarde* e na rádio *Guaíba AM*. Seu talento foi reconhecido por ocasião da morte do então presidente Getúlio Vargas, com a publicação de um artigo intitulado “Há um homem pelas ruas”, no jornal *Diário de Notícias*.

brasileira. Era comandada pelo Samuel Wainer², que fez a primeira edição do Rio de Janeiro, depois a de São Paulo e depois a de Porto Alegre, de 1959 para 1960.

Foi o primeiro jornal tablóide da *Última Hora*³, na verdade o único, porque éramos *vespertinos*. Naquela época os jornais eram matutinos e vespertinos. Os matutinos eram sempre jornais no tamanho *standard*, tamanho normal. E os tablóides no Rio Grande do Sul havia um grande tablóide, Folha da Tarde, da Caldas Júnior, que era vespertino, que saía às 16h. Então, começamos a sair às 14 horas, para ganhar espaço. Foi uma grande experiência porque era um jornal novo, um jornal inovador no Rio Grande do Sul e aprendi muito com ele. Fiz parte do grupo fundador.

Foi uma coisa revolucionária em Porto Alegre. E se firmou mesmo na Campanha da Legalidade⁴. Quem lançou o movimento da legalidade foi uma edição extra do jornal, que nós fizemos dos porões do palácio do governo, porque o jornal ficava na Rua Sete de Setembro, próximo ao Quartel General do 3º Exército, e nós achávamos que o 3º exército pudesse invadir a redação. Então fizemos o jornal dos porões do palácio do governo, onde ficava também a Secretaria de Imprensa do Governo.

E nós imprimimos o jornal perto do Palácio também, quase na frente, na verdade. Nós imprimíamos no *Jornal do Dia* que era um jornal católico muito bem feito. E, como nós não tínhamos oficinas gráficas, nós alugávamos as do Jornal do Dia, o que para eles era uma grande vantagem, pois era um jornal deficitário. E nós pagávamos pontualmente a impressão, até semanalmente. Com isso nós, de um jornal de esquerda, sustentávamos um jornal católico que era conservador, mas, como já disse, muito bem feito.

² **Samuel Wainer** (São Paulo, dezembro de 1910 – setembro de 1980). Fundador, editor-chefe e diretor do jornal *Última Hora*, além de ter sido personagem importante no segundo governo de Getúlio Vargas, que usou recursos do Banco do Brasil para financiar o jornal *Última Hora*. Permaneceu como figura jornalística importante no Brasil pré-1964, sempre ligado ao populismo e contando com a simpatia dos presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart.

³ **Última Hora** foi um jornal fundado por Samuel Wainer no Rio de Janeiro, em 12 de junho de 1951, que tinha uma versão de circulação nacional, complementada por suplemento regional em Porto Alegre. Foi fundado para servir de respaldo ao Getulismo junto à opinião pública. Segundo o próprio Samuel Wainer, seu objetivo era romper com "a formação oligárquica da imprensa brasileira e dar início a um tipo de imprensa popular e independente".

⁴ Liderada por Leonel Brizola e pelo General Machado Lopes, a **Campanha da Legalidade** foi uma revolta civil e militar ocorrida após a renúncia de Jânio Quadros à Presidência do Brasil, em 1961. Diversos políticos, jornalistas e setores da sociedade em geral defenderam a manutenção da ordem jurídica, que previa a posse de João Goulart. Graças à Campanha, em 7 de setembro de 1961, João Goulart assumiu a presidência do Brasil.

E fazer o jornal dos porões do governo, era também uma forma de proteção de um ataque aéreo. Assim como a rádio da legalidade que era transmitida de lá porque era a secretaria da imprensa do governo.

E, na prática eu só trabalhei em dois jornais no Brasil. Na Última Hora e no Estado de São Paulo, que eram relativamente o oposto um do outro. O Estadão era conservador, mas mais em termos políticos e econômicos.

Em 1962 eu saí de Porto Alegre e fui para Brasília ser colunista da Última Hora. Fui preso logo depois do Golpe Militar, mas fui solto em seguida. Continuei trabalhando e em 1967, no fim do ano, fui preso novamente. Aí fiquei muito tempo: seis meses preso. E já não pude voltar para Brasília, fui para o Última Hora do Rio de Janeiro. Em 68 fiquei como chefe de reportagem no jornal. Era encarregado pelo planejamento do jornal e depois executava o trabalho dos repórteres. Só não fazia a primeira página porque chegava às 8h e ficava até as 18h. Se fizesse a primeira página, não ia nem dormir.

Por que saiu do jornal Última Hora?

Em dezembro de 1968 vem o *Ato Institucional nº 5*⁵, que terminou com a liberdade de imprensa, terminou com tudo. Eu defino o AI-5 como termo de extermínio da liberdade de imprensa com um detalhe: ele censurou **até a previsão do tempo**. Não é brincadeira.

Em 1969, dois meses depois do ato, fazia no Rio de Janeiro, um calor terrível naquele ano, a sombra. E se esperava uma série de navios com assistência ao carnaval que vinham da Inglaterra, Alemanha e França. Se essa temperatura altíssima continuasse, havia o risco que cancelassem a vinda desses navios. Então os jornais, num calor brutal, tinham de dizer “temperatura amena”.

E num país em que se censura até a previsão do tempo, não há lugar para jornalista. Em janeiro, eu e o Samuel Wainer saímos da redação do jornal. Licencieme do Última Hora.

⁵Quinto de uma série de decretos emitidos pelo regime militar brasileiro, o **Ato Institucional nº5** entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Artur da Costa e Silva. Além de acabar com a liberdade de imprensa, o ato fechou o Congresso Nacional por quase um ano e fortaleceu a chamada “linha dura” do regime militar.

Aí fora do país, fui correspondente internacional do Estadão e da Folha de São Paulo.

Mas tive um outro grande aprendizado na imprensa que foi no México, durante o exílio. Trabalhei em várias coisas. Duas bem interessantes: Uma como correspondente da agência *Prensa Latina*, que era uma agência cubana de notícias muito boa - hoje acho que deve estar decadente, como toda a Cuba.

Depois fui trabalhar no *Excelsior*, que era o grande jornal do México. E lá ocorreu uma coisa interessantíssima: eu, um exilado político, me tornei proprietário de jornal. Porque, no México, o jornal era uma cooperativa de trabalhadores. Então, em seis meses ou tu ia para a rua, ou era admitido na Cooperativa. E eu fui admitido. Para mim foi ótimo, porque era outra língua, outro tipo de jornal. Comecei na parte internacional e seis meses depois eu já fazia a primeira página do jornal, o que para mim era um desafio terrível, porque não podia errar por ser “o estrangeiro”. Não podia cometer nem um erro ortográfico, porque seria “o estrangeiro errou”. Qualquer mexicano poderia cometer um erro, mas eu não podia. Foi um tempo de disciplina mental, um crescimento interior.

Em 1974 fui para a Argentina como correspondente desse jornal. Outra experiência fantástica! Trabalhar num país que vivia uma crise brutal, com uma inflação exageradíssima. Era o governo de Isabelitta Perón⁶.

Mas teve outra coisa muito interessante lá. Comecei a escrever em Buenos Aires para o Estado de São Paulo. Eu era um banido, e dos banidos não podia aparecer nem o nome da imprensa brasileira - nós éramos os mortos-vivos. Então eu escrevia no Estadão com um pseudônimo, eu era o Júlio Delgado. E sabes que o Júlio Delgado escrevia totalmente diferente do Flávio Tavares? Eu incorporei um outro estilo diferente do que eu escrevia para o Excelsior. Escrevia em português com muitas palavras em espanhol. Quando escrevia em espanhol, não cometia portuguesismos, mas quando escrevia em português eu cometia muitos espanholismos. *Estava tão impregnado na mentalidade do exílio, da sensação de*

⁶ Após a renúncia do presidente Héctor José Cámpora, Juan Perón, recentemente chegado do exílio, vence por ampla maioria de votos as eleições na Argentina, em 23 de setembro de 1973. Menos de um ano depois, porém, em 1º de julho de 1974, Perón morre e sua mulher, **Estela Martínez de Perón**, ou Isabelitta Perón, o sucede. Com uma administração cercada de problemas econômicos, conflitos dentro do partido e um crescente terrorismo praticado por insurgentes e movimentos paramilitares, Isabelitta sofre um novo golpe militar que a retira do poder em março de 1976.

que eu nunca mais iria voltar para o Brasil, que até esqueci algumas coisas do idioma.

Quais as diferenças que você vê do jornalismo que se fazia quando você começou para o que se faz hoje?

Há uma diferença muito grande entre o jornalista de hoje e o da minha época. Até o de 20 anos atrás já é diferente, porque a sociedade era diferente.

A sociedade como um todo era mais politizada. Todas as pessoas tinham uma posição política. Umas de uma forma mais livresca, teorizada. Outras de uma forma mais intuitiva, mais voluntarista, mas todas tinham uma posição política. Até os iletrados eram politizados. Não havia esse alheamento que existe hoje.

A sociedade de consumo não havia chegado ao paroxismo que chegou hoje. A sociedade era austera. A vida era austera. As pessoas andavam de bonde, de ônibus, hoje para andar quatro, cinco quadras, se sai de automóvel. As pessoas eram mais solidárias também. Moravam em casas, com patiozinhos...

Eu chego à conclusão de que o edifício de apartamentos, ao invés de unir as pessoas, segregou mais. As pessoas moram uma na frente da outra e não sabem nem o nome uma da outra. Não se cumprimentam. A casa fazia os vizinhos contribuírem entre si. Hoje não se pede mais nem uma caixa de fósforos para o vizinho que ele toma como uma agressão.

Então, a sociedade era outra. Era muito mais interessada em si mesma. Hoje se interessa só em ter bens, em reunir esses bens. *A sociedade de consumo triunfou em todos os seus defeitos.* Nós vivemos, hoje, unicamente para trabalhar, para ter mais dinheiro para consumir. E isso influenciou no tipo dos jornalistas existentes.

Se você pega os nossos jornais, fundamentalmente os jornais de Porto Alegre: estão cheios de bobagem! Notícias que não são notícias. Pessoas que não são fontes de notícia nem objetos de notícia. Perdeu-se a noção do que seja notícia, as notícias são muito superficiais. As pessoas perderam a noção do que é sociedade.

Acho que os cursos de jornalismo são muito ruins. São necessários, mas são muito ruins. São cursos que não ensinam o que o jornalista tem que saber. O jornalista tem que saber de ética, sociologia, filosofia. Fundamentalmente ética, e se interessar por escrever.

Eu participei em Brasília do grupo fundador da UNB, e lá fundamos a faculdade de comunicação. Nós tentamos fazer uma faculdade de comunicação diferente. Voltada

fundamentalmente para ética e história. Fui professor da cadeira sobre opinião pública, que tem a ver com política, com a construção da sociedade e etc. Em 1965 fui demitido com vários professores. Foi também uma experiência frustrada na minha vida.

O que eu não vejo, hoje, no jornalista é o interesse em aprender, interesse em investigar, interesse em pesquisar. Eu não vejo os jornalistas se interessarem pela sociedade; pela sociedade como um conjunto. Interessam-se só por aquilo que fazem. Nem lêem as sessões feitas pelos colegas. E quem não se interessa pelo todo não pode funcionar bem naquela parte restrita que corresponde a ele.

Eu não vejo as pessoas saírem à rua. Não vejo o jornalista olhar o mundo. O jornalista é um observador contínuo. Hoje eu não sou mais jornalista, só escrevo uns artigos. Mas quando eu vou daqui até o Rio, são 170 km, eu pego o carro e vou descobrindo fatos. Meu faro jornalístico continua atuante. E hoje eu não vejo isso.

As pessoas acham que pesquisar é ir para o Google. Colocar o nome lá e aparecer todas as aquelas coisas que aparecem no Google. Coisas que qualquer pessoa pode ver ali. Não há nada mais falso que o Google. Qualquer pessoa coloca qualquer coisa ali. Não se faz mais investigação jornalística.

Criaram até uma coisa aqui no Brasil que é absurda, chamada *jornalismo investigativo*. Que deve ser todo o jornalismo. O jornalismo é investigativo. Não se precisa haver um jornalismo investigativo. É como se falasse “a vida e a respiração”. Não! Quem não respira não tem vida. Já morreu. Entende?

Não há jornalismo sem investigação. Senão nós ficamos só como papagaios repetindo informações. E o jornalismo de hoje tem muito dessa *papagaiada*. Repetimos tudo. Sem a capacidade de discernir.

Acho que um jornal pode transcrever o assunto que os outros jornais estão colocando. Mas nem todos têm que ter o mesmo assunto. Mas hoje acontece uma coisa muito mais grave. Hoje existe uma coisa chamada *Assessoria de Imprensa*. Cada ministério, cada secretário, cada prefeitura, cada câmara de vereadores, cada grande empresa tem os serviços de um assessor. E são essas assessorias que vão alimentar o noticiário que os jornalistas levam aos jornais. Por isso que hoje são todos praticamente iguais.

A melhor sessão que tem a Zero Hora por exemplo, é o noticiário esportivo, porque nesse não tem como ter Assessoria de Imprensa. Não tem como pesquisar no

Google. As pessoas precisam ir ao jogo mesmo, no treino, na entrevista coletiva, etc. Tem que ser testemunhas.

No resto das editorias, as pessoas trabalham muito por telefone. Quando trabalham. Quando não ficam recebendo comunicações dos boletins das assessorias de imprensa que deram o nome inglês de *press release*. Uma nota de imprensa. *E nós jornalistas, como cães, vamos recebendo o osso que nos atiram. Vamos lá buscar e damos uma forte mordida.*

Por isso no dia a dia, os jornais são muito iguais. Falta interesse de buscar coisas novas. A grande sensação da minha época era o furo jornalístico. Hoje é o contrário. Se você traz algo que ninguém tem, as pessoas ficam em dúvida. Se ninguém tem, será que é verdade? Então isso é um desestímulo à pesquisa jornalística.

Como era a relação com as fontes antes das assessorias de imprensa?

Se eu quisesse informações de alguma secretaria eu falava com o secretário. No máximo, o secretário de imprensa do governo, nos abria portas para falar com as fontes, mas ele não falava em nome do governador. Ele até nos dava dados, isso sim. Mas isso de hoje de receber *press release* não existia. Isso é dos últimos 30 anos.

Quem eram teus jornalistas preferidos no começo da carreira? Em quem tu te inspiraste? E quais são hoje?

Minha grande referência foi o Samuel Wainer, que foi o grande renovador do jornalismo no Brasil. E em Porto Alegre, a primeira pessoa que eu conheci e admirei foi o Sérgio Jockyman que me levou para o jornal *A Hora*.

E hoje? Tem algum jornalista que você admira?

Hoje? Não tenho um nome para dizer. Aí no Sul tem o Luis Fernando Veríssimo, que é quase da minha geração e é ótimo, e há um rapaz, David Coimbra, que é um excelente cronista que escreve muito bem e é bem jovem. É talentoso.

Por aqui há quem ache ele polêmico, meio machista, às vezes...

É, eu acho que ele escreve muito bem. Eu posso admirar até um adversário. Se eu aprender algo com aquilo. Acho que o jornalismo tem que nos tornar melhor. É como uma sonda de petróleo. Funciona por prospecção.

Eu não estou desmerecendo a imprensa. Ainda acho que ela tem o seu papel. No Brasil, a imprensa ainda é o que há de melhor na sociedade brasileira. Todos os grandes escândalos da política, por exemplo, vieram à tona pela imprensa. Desde o Collor até esse último do Ministro dos Esportes. Não estou negando a contribuição. Só acho que o jornalismo é uma coisa tão importante que tinha que ser cada vez melhor. Não piorar nunca! Ele tem que sempre te revelar alguma coisa.

E o que você lia?

Sempre gostei de ler muita poesia na minha vida. Li todos os poetas brasileiros e muitos estrangeiros, principalmente espanhóis.

A minha geração, quando eu era jovem, lia muitos livros de política e sociologia. Livros de história, livros do marxismo, principalmente os clássicos: Marx, Engels. A direita lia os clássicos de direita. Li muitos pensadores da esquerda católica também. Não gostava muito de ficção, só. Até hoje não gosto.

E de jornal, eu me alfabetizei lendo o Correio do Povo. Lia as notícias da Segunda Guerra Mundial. Sabia tudo sobre a guerra. Lembro que a primeira palavra que aprendi a escrever foi “ovo”, e a segunda foi “POVO” por causa do Correio. Meu pai me mostrou na capa do jornal: “Olha aqui, tu sabes escrever ovo. Coloca a letra P e escreve Povo.” Então foi o jornal que marcou minha infância.

Hoje leio o jornal “O Globo” do Rio de Janeiro, que acho que é o melhor jornal brasileiro. É o mais aberto, sob alguns aspectos. E o Estado de São Paulo ainda é o mais completo, ainda que eu ache que está muito fechado para si mesmo.

Você acredita que a função do jornalista para a sociedade tenha mudado? Ou o que a própria sociedade espera do jornalista?

Acho que a sociedade espera a mesma coisa, ainda. O que mudou foram os jornalistas e a forma de fazer jornalismo. A sociedade continua confiando, esperando uma informação isenta. Não neutra, mas isenta. Não vou fazer uma nota sobre narcotráfico com neutralidade. Se eu acho o narcotráfico uma tragédia, um crime, eu

tenho que ser contra o crime. Uma coisa é ter independência, outra coisa é ter neutralidade. A neutralidade é um pecado. Uma coisa terrível. A independência é uma virtude. São duas coisas diferentes.

A sociedade confia no jornalismo, apesar de tudo. Até porque não percebe se está pior ou melhor. A sociedade também é meio pau mandado.

Mas hoje existem preocupações vantajosas em relação ao meu tempo. Coisas que se pensa hoje que não se pensava naquela época. Como por exemplo, a preocupação com o meio ambiente. Não existia essa preocupação, porque não havia a visão de que o planeta era finito. A visão da ecologia, da defesa do meio ambiente, da defesa da vida no planeta Terra não existia. Não tinha se incorporado à sociedade essa visão, portanto não tinha se incorpora ao jornalismo.

O que acha dessa nova figura do repórter multimídia?

Não sei direito o que quer dizer com isso. Não conheço muito bem, mas acho que um sujeito não pode servir a dois senhores ao mesmo tempo. Mas fazer tudo isso passando o dia na frente do computador, não tem como. Mas sinceramente não sei sobre esse profissional. Mas acho muito estranho... Se você está em todos os meios, qual tempo lhe sobra para pesquisar, para entrevistar pessoas?

Diz-se que jornalista é sacerdote *in eternus*. Eu continuo jornalista para mim mesmo.

3.2 Caco Barcellos

Nascido em cinco de março de 1950, na Vila São José de Murialdo, periferia de Porto Alegre, Caco Barcellos estudou nas Escolas Estaduais de Primeiro e Segundo Grau Oscar Tollens, localizadas no mesmo bairro.

Ingressou na faculdade de matemática da PUCRS, onde teve o primeiro contato com a reportagem, produzindo o jornal *Dluct* com uma comunidade hippie. Quando foi chamado para trabalhar no jornal Folha da Manhã, do grupo Caldas Júnior, Barcellos trocou de curso e concluiu em jornalismo.

Foi um dos fundadores do Coojornal e da revista *Versus* e se destacou na imprensa alternativa da década de 1970. Trabalhou nas revistas Veja e Isto É e foi correspondente internacional em Nova Iorque e em Londres.

Na TV Globo, atuou em diversas reportagens no Fantástico, Globo Repórter, Jornal Nacional e, atualmente, tem um programa semanal chamado *Profissão Repórter*, um dos poucos da televisão aberta baseados na grande reportagem.

Quando você percebeu que deveria ser jornalista?

Olha foi por acaso. Eu sabia desde cedo que eu queria escrever. Contar histórias. Não lembro exatamente a idade. Mas pelos 8, 9, 10 anos eu escrevi o que depois fui descobrir que eram crônicas. Eu saía com meu cachorro vira-lata pela cidade, à noite. Eu não conhecia toda cidade. E ia sempre à noite, não sei por que. Acho que porque não tinha mais que estudar naquela hora... Porque à noite não jogava futebol, que eu jogava bastante. Eu lembro que nessa época estava sendo construído o Estádio do Beira Rio e eu atravessava a cidade a pé, vinha do Partenon que era o outro extremo da cidade para acompanhar as obras.

Nessa fase, eu lembro que escrevia a lápis e escondia de todo mundo. Era um segredo. Uma coisa esquisita. Mas eu me emocionava muito escrevendo. Achava estranho também, mas gostava muito. Quando eu voltava das andanças, eu gostava de contar, e tinha uns amigos loucos que gostavam de ouvir minhas histórias. Eu ouvia as histórias deles e eles ouviam as minhas sobre as novidades da cidade - que eu achava que eram novidades. Então comecei dessa maneira sem eu saber que eram crônicas. Eu não tinha nenhuma referência na família, não tinha nenhum

jornalista, nenhum intelectual. Então quando estava no científico, resolvi fazer a faculdade de engenharia.

Certo dia, no científico à noite, eu carregava comigo algumas crônicas. Deixei sobre a mesa e fui fazer um lanche. Quando voltei, meu amigo que sentava ao lado estava lendo. Eu fiquei com uma vergonha, até acho que reclamei dele. Afinal eram as minhas coisas e ele estava lendo. Mas ele achou estranho eu brigar com ele, e achou esquisito eu nunca ter contado para ele que eu gostava de escrever. “Como tu esconde essas coisas de mim?” ele disse; e eu falei “Ué, porque não te interessa! São coisas minhas!”, ele “mas eu fiquei encantado com teus textos!” E eu achei que ele estivesse debochando de mim. Mas ele insistiu: “Isso é muito bom! Muito interessante” aí eu disse “Olha, tu tá debochando de mim, porque eu tenho aqui a prova de português - daquela noite. E eu tinha tirado 2,5 eu acho... - “se eu escrevesse bem a professora não *esculhambava* comigo dessa maneira” aí ele me disse “Ela está corrigindo a tua gramática. Ela está deixando de ver a qualidade do teu texto, o estilo... Qualidade é outra coisa. Eu vejo estilo aí. E isso é muito difícil.”

Aí passamos a noite conversando sobre qualidade de texto. Aí eu fiquei empolgadíssimo com a conversa. Virei a noite escrevendo, amanheci escrevendo. Acho que nesse dia eu percebi que tinha que dar mais importância para essa coisa de escrever.

O tempo passou e na faculdade, eu achava que tinha que fazer engenharia, porque meus amigos de classe média, todos os mais ricos faziam engenharia. Queria fazer a engenharia civil, porque gostava de construção, quando criança construía, meu pai era marceneiro e tal. Eu achava que isso tinha a ver com engenharia. E na verdade o que eu estudava era como executar os projetos dos arquitetos, que era mais o que eu gostava, mas nem sabia. De qualquer maneira, na verdade, entrei na faculdade de matemática, pensando em fazer engenharia depois. Aí o centro acadêmico da matemática resolveu fazer um jornal e convocou as pessoas. Eu resolvi me candidatar, mas só tinha eu. Fui o único. Aí saí pela faculdade colocando cartazes. “Faço jornal, quem quiser fazer comigo, me procure” Aí apareceu não só um, mas um grupo. De *hippies*! Nem eram todos da faculdade. Alguém da faculdade que era *hippie* foi na comunidade e disse que tinha um cara querendo fazer um jornal. Isso

era 1970. Na repressão mais pesada. Estavam procurando, torturando e matando muito.

Em resumo, na semana seguinte eles estavam fazendo o jornal comigo e eu morando na comunidade com eles. Acabamos fazendo um jornal da comunidade e não da faculdade. Era um jornal underground. Para quem tinha uma vida alternativa, com matérias tipo “como se vestir bem sem ter dinheiro, como comer produtos orgânicos, etc.”

Foi meu primeiro contato com a reportagem. Era um grupo que tinha um pé na militância política e um no hippismo. Preocupado com as coisas que aconteciam na Europa, nos Estados Unidos. O grupo era de umas 15 pessoas, mas havia noites que tinha uns 30, 40, porque abríamos as portas para os foragidos da Argentina e Uruguai. E era um grupo fortemente politizado.

E isso se materializava no jornal?

Sim. Acho que o primeiro ou o segundo tinha uma grande entrevista com o Gilberto Gil. Eu me lembro que a gente encheu o saco dele, cobrando posturas mais radicais dele, dizendo que era um absurdo ele vir aqui e se apresentar no teatro das elites, e tal.

E esse grupo acabou mudando muito minha vida. Os primeiros livros de alta qualidade que li vieram de lá. E os livros mudaram minha vida. Me apaixonei por alguns escritores, gostava muito da qualidade dos textos e os hippies que me apresentaram tudo isso. Porque eu escrevia muito mal. E os hippies até riam dos meus textos, tiravam sarro. Capote eu acho que teve livro que li 30 vezes. Aí já ficava anotando cada palavra, qual era a técnica de costura do texto, lugar comum que tinha que evitar, as fórmulas cansadas, etc. Como nos livros de história, que são leituras nada agradáveis.

Gostava de Capote, Gay Talese, que muitos jornalistas da época achavam a bíblia do *new journalism*, Jack London, John dos Passos... Escritores de *best sellers* mas que usavam pesquisa de não ficção para escrever.

Que publicações você gostava na época?

Gostava do *Jornal da Tarde*, que era um grupo revolucionário no universo corporativo da imprensa. Até então, os jornais eram muito massudos, sem foto, só texto. E o *Jornal da Tarde*, às vezes, colocava uma foto só.

Eu lembro que o primeiro grande sequestro que teve aqui, eu já estava no *Folha da Manhã*. Era do Grupo Caldas Júnior, bem conservador, mas procurava o público mais jovem, universitário e tal. Eles tinham o *Folha da Tarde*, que era mais conservador ainda, e o *Correio do Povo* que era mais que os outros dois. Então resolveram transformar o *Folha da Manhã* num jornal mais aberto.

Aí como a gente era *hippie*, vendia de mão em mão o nosso jornal, e um dia um jornalista maravilhoso, chamado Jefferson Barros, comprou nosso jornal e gostou muito. O nome do nosso jornal era *Dluct*, como o barulho de uma gota... Como “uma simples gota no oceano”. E ele nos chamou para ser estagiários no *Folha da Manhã*. Eu fui, assim como alguns foram e alguns ficaram.

Esse primeiro sequestro era uma informante do DOPS que estava dentro da nossa comunidade. Ela ia lá supostamente para ficar com os nossos. Mas depois ela foi presa e a gente descobriu que ela era sequestradora. Ela e o namorado. Piraram. Ela namorava o dono de uma concessionária da Volkswagen em Porto Alegre, e ganhou um dele carro top de linha. Um SP2, eu acho. Quando romperam, o namorado tirou o carro dela. E para se vingar dele ela o sequestrou.

Quando a gente soube foi uma surpresa. Porque ela era namorada de “alguns dos nossos” - os hippies trocavam muito de namorado... A gente ficou chocado “Bah! Quer dizer que ela vinha aqui... nos enganava...” E o namorado que planejou o sequestro era um grande amigo meu. Mas qual foi a nossa edição: a gente tirou todo o texto do jornal e colocou uma foto de biquíni dela. Era toda bonitinha, gostosa. E tínhamos algumas fotos dela. E colocamos essa na capa só com duas palavras: A Sequestradora. Para os padrões era uma revolução. E, por influência do *Jornal da Tarde* conseguíamos esse novo conceito.

E mais do que tudo reportagem radical, que faço até hoje. Na época era comum, revistas faziam também. Progressivamente os jornais foram abandonando as reportagens de fôlego, e virou texto ligeiro, quase copiando as TVs e rádios.

Mas essa experiência no Folha da Manhã acabou de maneira traumática, com uma reportagem minha - como sempre de denúncia. Era sobre a brigada daqui. E o Secretário de Segurança queria minha cabeça. E o jornal não dá. O editor disse “não eu li e achei correta”- que era o Licínio Azevedo que também era *hippie* e era meu melhor amigo, na época. Aí toda hierarquia do jornal achou que estava correta. E o resto da redação decidiu que eu só saía se saísse todo mundo. Resumindo, saíram 22. Foi quando fundaram o *Coojornal*⁷.

Um desses fundadores era o Marcos Faerman⁸, que era brilhante. Tinha um texto maravilhoso. Vivia com vários livros nos bolsos, etc. Era apaixonado por leitura. E como era atento em texto, descobriu o Folha da Manhã e tentou nos convencer a ir para São Paulo. Como eu já colaborava com *O Pasquim* e o *Opinião*, no último ano de Folha da Manhã, já estava com um pé lá.

Aí ele nos chamou para criar uma nova revista, que era a *Versus*. Viajamos por toda a América do Sul, que era a proposta do jornal. A gente mandava tudo para a base de São Paulo. E à frente, estava o Marcos Faerman, que era o núcleo do Jornal da Tarde. E havia também o pessoal da revista Realidade, e parte foi criar o Jornal da Tarde. Mino Carta era desse grupo. Foi criador de várias revistas.

E a ditadura perseguia o seu trabalho?

Descobri, muitos anos depois, em uns arquivos da ditadura, oito arquivos sobre a minha vida. Mas só observavam mesmo: “ele escreveu isso, depois participou da reunião tal, em tal lugar, com tais pessoas.” Mas eu só fui descobrir isso depois mesmo. Na época, não me incomodaram. Eu só sabia que eles perseguiram o texto, isso sim. Censuravam. Trabalhava que nem um maluco. A gente começava a fechar o jornal na quarta feira. E mandava pra censura. Voltava só com 10%. Aí virava a noite tentando burlar por outros caminhos. Às vezes eu não dormia, ou só dormia enquanto o censor lia. Às vezes, nos devolviam com 80%. Aí era vitória... Mas,

⁷ Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre - **Coojornal (1975-1982)**. Jornal alternativo de distribuição nacional formado pelos jornalistas que saíram da Folha da Manhã, da Companhia Caldas Júnior, em solidariedade a Caco Barcellos. Em 15 de novembro de 1975, o Coojornal começou a circular como um boletim interno da cooperativa, com tiragem de 3.500 exemplares. Em maio e junho de 1979, o jornal chegou à tiragem de 40 mil exemplares.

⁸ **Marcos Faerman** jornalista fundador e editor do jornal alternativo *Versus*. Autor de livros como “Com as mãos sujas de sangue”.

aí, na última leitura, censuravam tudo de novo. A gente colocava tarjas pretas onde não tinha texto. Cada um tinha seu método. O Estadão colocava as famosas “receitas de bolo”, etc.

Quais jornalistas você admirava na época que começou?

Eu vivi o período mais duro do regime. Duro no sentido de violência. O AI5 liberou a brutalidade, deu mais poder para a linha mais dura do regime. Aí eles liberaram a tortura, com os americanos ensinando. Isso foi de 68 a 72. Tinham instrutores americanos, como hoje tem no Iraque e Afeganistão. Eles planejam as invasões. Se você lê a biografia do Brizola, ele conta como se dava essa formação, instrução de guerra, de combate ao que eles já chamavam de terrorista – os jovens daqui que eram contra o regime já eram chamados de terrorista. Mas isso foi antes de ser repórter. Eu comecei no jornalismo já no final do período mais duro de repressão.

Eu acho que os hippies foram mais importantes no começo do que os jornalistas. O Emílio Chagas, que mora aqui na cidade. Se tornou publicitário. Eram, na maioria, hippies que trabalhavam, e era um grande cineasta que virou meu melhor amigo nessa época.

Já jornalistas do mercado mesmo, o Jefferson Barros, aquele que comprou o jornal e nos chamou para trabalhar no Folha da Manhã. Depois, por coincidência minha primeira reportagem na televisão ele que pôs no ar. Estava morando no Rio, e nos reencontramos no aeroporto, depois de seis anos e começamos a conversar. E de repente, estávamos lá e morre Mané Garrincha, meu ídolo. “Cara morreu Mané, não tem nenhum repórter aqui!” e ele olhou assim “como não tem repórter aqui? Você é repórter.” Aí foi. Nunca tinha colocado um paletó na minha vida, peguei o primeiro emprestado e não vi que era mais gordo. Aí fui lá pra cidade onde nasceu o Mané, e fiz minha primeira matéria lá.

Aqui do sul eu admirava muito Carlos Alberto Kolecza⁹, o cara do garimpo. Tem muito garimpo nessa profissão. E ele garimpava muito. Já gostava muito do Luis Fernando Veríssimo, que até hoje escreve aqui, mas aí é cronista.

⁹ **Calos Alberto Kolecza**, jornalista e analista político, era repórter de um jornal em Santana do Livramento quando eclodiu a Legalidade. Foi diretor de Imprensa da Assembléia Gaúcha.

Um que me ajudou muito foi Carlos Urbim. Ele me deu muitas dicas sobre texto. Era redator do jornal. Falava que “escrever é a arte do corte”. Mas mais do que tudo esse pessoal do jornal me deixou muito feliz porque eles entendiam a diferença então pra cada profissional eles tratavam “deixa esse cara viajar”.

Eu lembro que teve uma matéria minha, eu jovem, em começo de carreira eu entendia pouco de algumas coisas, mas tinha uma coisa que eu entendi muito que era o trânsito aqui de Porto Alegre, porque eu já tinha cinco anos de experiência como motorista de táxi. Aí escrevi uma matéria sobre os taxistas. Se fossem profissionais de quinta diriam “ah, não vamos da oportunidade para esse cara”, ao contrário, nisso eles viam uma boa chance. Acho que foi minha primeira matéria assinada, mostrando os bastidores da profissão de taxista.

Você trabalhou ao mesmo tempo como taxista e jornalista?

Sim, quando os salários se equipararam eu larguei o taxi. E quando fui demitido, peguei de novo, voltei para a praça, mas só o suficiente para juntar uma grana e viajar.

E dos bons jornalistas, ainda tem aqueles que te falei de São Paulo: Marcos Faerman; Ricardo Kotscho, depois virou assessor político, mas é um grande repórter; João Antônio, Otávio Ribeiro que é um repórter incrível, aprendi muito com ele. Circular em favela por exemplo. Quando eu descobri as primeiras coisas da Rota, encontrei uma revista e contei as histórias que eu sabia. O editor da revista era Mino Carta, e ele disse ‘Caramba! É assim? Vou te dar uma capa para denunciar esses canalhas! – daquele jeito do Mino. Ele perguntou “De que você precisa?” Eu falei “Um camarada chamado Otávio Ribeiro – O Pena Branca”. Ele respondeu: “Então vai atrás que a gente contrata!”

O Pena Branca estava na Amazônia, aí veio pra SP e eu expliquei a história para ele. Otávio tinha trabalhado com o esquadrão da morte no Rio de Janeiro dos anos 70, na Baixada Fluminense, e conhecia grandes matadores da época. Da bandidagem e da polícia parte da bandidagem também, circulava nas duas áreas. Eu disse que aqui era outra coisa, e ele disse “quem é você para saber moleque, tem que ir pra rua para descobrir.” Ele perguntou o que eu procurava, e eu queria sobrevivente.

Um que correu deles foi o Robinho. Sabe o Robinho? Deveria tá morto. Correu por um muro e escapou. O que prova que quem é o coronel para dizer quem deve viver e quem deve morrer. Imagina se ele tivesse morrido? Qual seria o futuro do pixote, por exemplo?

Aí fui conversando e encontrei uma casa onde tinha um sobrevivente. Fiquei feliz de encontrar um antes do Pena Branca. Mas quando entro na casa, adivinha quem já está lá sentado? O Pena Branca. Ele era muito bom.

Ele tinha um livro maravilhoso chamado Barra Pesada, e outros. Ele fez televisão também. E depois da experiência juntos no Rota, mais tarde, quando fui para a televisão o convidei também para trabalhar comigo e fizemos grandes coberturas, maravilhosas.

Que diferenças você viu no teu trabalho quando entrou na TV?

Muito grande, como se tivesse começando de novo. Tinha um amigo que tá lá até hoje chamado Tônico Ferreira que me dizia “olha, tudo que você fez até agora, esquece, não vale nada” a visão dele: aqui você tem que cada dia criar uma história maravilhosa deu certo? Amanhã tudo de novo. Acabou o maravilhoso, depois de amanhã maravilhoso de novo. Se você para um dia “Ah, esse cara no passado foi bom, hoje não vale nada.” E eu vinha de revista. Adorava texto.

E, na TV, eu ficava às vezes em crise, 20 horas pra escrever uma frase. Ou dois dias para a palavra adequada. A escolha da palavra adequada. Na TV se tinha 15 minutos para contar a história inteira. Ao invés de quatro dias para contar uma história de uma página. Eu tinha vergonha... Tinha medo de usar as palavras erradas. Eu achava que tinha que dizer coisas relevantes, não o que a imagem já estava mostrando.

E eu vi que é um veículo superficial por essência. Mas com o tempo fui vendo que o texto é de fundamental importância, e associá-lo com a imagem também.

E você sentiu que teve mais credibilidade em relação ao público por estar na TV?

Isso é fascinante, e tem vários aspectos. Eu percebia que, no texto, você tem que ganhar o leitor na primeira frase. Se ele ler o primeiro parágrafo todo, ótimo, mas você ainda pode perder ele no segundo. Muitas vezes eu percebia que leu o começo, não chegou ao fim, parou no meio. Ou nem leu. Depende da atração que o jornal apresenta também, visual, a manchete, se ela é sua ou do editor. Editor que esquenta depois não tá lá o que ele disse no título. E na TV também.

Na TV percebi a notoriedade. Mas a primeira coisa que me chamou atenção foi a seguinte: Eu era muito crítico. Trabalhava na Veja. Era um horror o método, a dinâmica de trabalho deles. Do tipo “Ah! Essa porcalhada toda, vamos achar alguém contra o Brizola aí!”. Economistas contra o Brizola. E entrevistava 20 economistas, 18 a favor do Brizola. Se escrevia matéria com os dois dois contra, ignorando os outros 18. E era esse tipo de situação. Só que não era minha praia, não nasci pra essa coisa. Eu vi que essa apuração, esse abuso do editor, absurdo de ignorar a preciosidade que é o fato, não era pra mim.

Aí eu percebi que, na revista, quando eu apresentava as páginas amarelas, tinham textos inteligentíssimos, com começo meio e fim, na sequência, etc. Na TV, você pode não ser tão inteligentíssimo. Ou você é, mas pode ser medíocre. Na revista também podia ser, mas não diria que foi, ao entrevistar, medíocre. Na retaguarda, pensando uma semana depois, você põe uma perguntinha mais correta, sem erro de português. Às vezes, se o parágrafo estava muito grande, se colocava uma pergunta no meio que nem existiu, como apoio. Que é uma sacanagem! Na TV não dá para fazer isso. É a alma exposta. Que eu comecei a dar valor.

Os caras de revista parecem ter um grande preconceito com TV dizem que não é jornalismo, etc. Mas eles ficam lá enrolando, e na TV não dá para enrolar. Se não for feita na hora, não teve a pergunta. É um veículo que tem alguma utilidade. Você até pode se proteger na edição, mas você não inventa. Na revista se fazia muito isso. Direto se colocava perguntas que nem existiram. As pessoas têm grande preconceito com TV, mas tem coisas que passei a dar valor. Muitos jornalistas são super críticos e frente a frente não têm coragem de expor a opinião.

Outra coisa legal é que você entra no ônibus e alguém está falando da história que você acabou de contar na TV. A repercussão é imensa. Às vezes acontecia de

contarem até pra mim. Comecei a pensar “Caramba, que veículo!” É uma grande responsabilidade.

Outra coisa é a notoriedade. Você quer se esconder numa esquina, não dá mais. Na apuração, eu passei a me fantasiar. Muitas vezes usava roupas mal trapilhas, um caixote velho com uma câmera dentro, com tijolos embaixo para fazer o ângulo que eu queria, muito usei lixeiras também. Uma vez uma mulher olhou para o chão e disse “aquele mendigo parece aquele repórter da televisão”.

Gosto de chegar sem aviso prévio. Fico na esquina. Perguntando o que está acontecendo. Deixo que eles falem o que está acontecendo. Eu fiz uma matéria sobre motoboys agora em Londres. Ficamos conversando num café e daqui a pouco já tínhamos 20 possibilidades de entrevistas. Uns paravam pra tirar foto e eu já perguntava “ah conhece um motoboy”. E isso é uma parte boa na notoriedade. Se você gostar de gente, gostar de histórias. Eu gosto. Chego na favela fazendo barulho. Fazendo arruaça.

Você acredita que, desde que começou na carreira até hoje, tenha mudado o papel do jornalista para a sociedade?

Eu não sei te responder. Porque eu acho que tem um viés que talvez fosse muito particular daquele tempo de não se dar conta de que estávamos escrevendo para os iguais. Eu não estava acrescentando muita coisa pra você, nem você a mim, mas estávamos os dois exercendo o “direito” de se expressar, entende? É claro que isso é minha interpretação de hoje. Na época eu achava que aquilo ia mudar tudo. De certa forma até mudou, porque desgastava muito (o regime militar). Abalava o sistema. Tanto abalava que eles proibiam (censura). Mas hoje eu sou muito mais cético. Tanto que hoje se tem liberdade, mas não se tem revolução.

Mas isso porque a maioria também está cética, não acha?

Todos partidos têm liberdade hoje. Uns são mais radicais, tanto para esquerda como para direita. Tem revistas de extrema direita que há 10 anos tentam derrubar os governos populares e só naufragam. Hoje se tem liberdade plena até para inventar coisas. Publicar inverdades. Mas o máximo que conseguem é demitir um ministro.

Mas as coisas continuam andando. Acho que a gente não tem esse poder de mudança que eu imaginava que a gente tivesse.

Mas essa mudança talvez seja subjetiva. Você mensura quando leva a demissões, ao fechamento de uma empresa. Será que foram realmente para a rua protestar.

Por exemplo, o que eu fico sempre ligado a seqüência de incêndio aos ônibus. São indícios, esses sim, espontâneos da sociedade. *Eu sempre desconfio quando as páginas e os espaços da TV são ocupados por temas que vieram das redações e não das ruas. Eu tenho quase certeza, sem ter feito uma pesquisa antes, de que se a gente sair daqui e pegar um jornal, todos os assuntos são criações das redações e não das ruas. As denúncias, com certeza. São das redações e não da sociedade.*

Se fossemos trabalhar como a BBC por exemplo. As páginas seriam brancas. Por exemplo: certa vez, houve uma grande manifestação na porta da BBC CONTRA a própria BBC. Ela “censurou” uma pauta feita pelos repórteres, que era uma reportagem de campanha para arrecadar fundos para o povo palestino. Por sua luta inglória, pelo boicote econômico que sofre, etc. Eles achavam interessante uma reportagem mostrando o drama e fazendo uma campanha para angariar fundos. E a BBC disse não. Por que em favor dos palestinos e não dos israelenses? Aí começou a se multiplicar a história da “censura da BBC”. E eles disseram “Se o povo quisesse isso, a gente colocava. Vocês são jornalistas e não militantes políticos”.

Aí, graças às redes sociais, criou-se um grande manifesto em frente à BBC e a própria fez uma ENORME reportagem sobre o protesto contra ela mesma. Mas esculhambando mesmo a BBC. E não deu a matéria da palestina. Porque essa contra a BBC era do povo, e não da cabeça dos repórteres. Achei isso muito bacana.

Nós (jornalistas) somos uma categoria extremamente arrogante. Que se acha dono do mundo. A gente faz uma matéria sobre “O Mensalão” sem ouvir uma pessoa na rua falando sobre isso. A gente faz o *impeachment* de um presidente sem, pelo menos no começo, ter o povo nas ruas querendo isso. Só um irmão brigando com o outro e acusando-o.

Hoje o que se faz é jornalismo declaratório, me refiro ao jornalismo *de denúncia*. E se acha de denúncia, se acha investigativo. Qualquer um vem e fala e só usa um

veículo para falar. Há sempre quem faça coisas legais, bacanas. Mas são exceções. Mas normalmente é assim. Declaratório. Tem que se provar que cada palavra do que se disse é verdade. Aí seria investigação.

Você acha que não se faz investigação por má vontade? Por preguiça?

Aí você tocou num ponto importante. Primeiro que, quando você não conta com a manifestação popular, não está atenta ao que a sociedade quer, você fica dona da verdade, não é?!

Você pensa: “Ah! Numa cidade de 300 mil habitantes, não precisa ter uma manifestação para eu falar de algo, basta um, eu. Pronto. Quando você adota essa postura, para mim, isso significa arrogância. Sentimento de poder.

E a segunda coisa é economia. Jornalismo investigativo, independente, com luz própria é caro. Ao invés de sentar aqui com uma fonte. Ouvir tudo que ela diz e publicar. “*Trouxe um dossiê? Aceito.*” Tem gente que *reproduz* um dossiê! Produzido por terceiros. E chamam isso de jornalismo investigativo! Às vezes, pode ter sido um delegado incompetente que deu. Um investigador com interesses obscuros entrega e eles reproduzem, sem nem avisar que foi feito por terceiros. E já chamam de investigação.

Mas você pode ter outra postura. Aceita o dossiê e vai investigar cada documento daquele dossiê. Se for verdade, ótimo. Se não for, lixo. E o que geralmente fazem não é isso. Os criteriosos querem ouvir o outro lado. O outro lado diz “ah, isso é tudo mentira”. E assim segue em frente, um acusando o outro e acham que isso é jornalismo. Isso é polêmica, não investigação. Investigação tem uma verdade só e acabou. Se não tem ainda, espera até ter para publicar. Um ano, dois anos. Ninguém pode te obrigar a denunciar ninguém. Preenche com outra coisa, falando bem das pessoas. Tem tanta gente bacana no mundo. Parece que o bom é o negativo. Não precisa ser assim.

Como conseguiu o espaço na Rede Globo para fazer o trabalho que tu faz no “Profissão Repórter”?

Foi um processo suado, de conquista mesmo. Acho que sou, também, privilegiado. E foi conquistado tijolo por tijolo. Eles aprenderam a confiar em mim. Porque eu sou

muito responsável, dedicado. Então como a gente faz jornalismo com denúncia, eles nunca sofreram com processo, com condenação. Sempre com as coisas bem provadas, muito bem provadas. Tudo que a gente denuncia tem provas.

Às vezes posso passar um ano fazendo uma investigação para colocar dois minutos no ar. Imagina? Um ano! No começo fazia muito isso. Sem deixar de fazer o que eles me pediam, fazia o que eu acreditava paralelamente. Nunca digo não para as pautas. Eles querem que faça inauguração de estádio da copa, vou lá e faço. E a história que eu acho importante, fazia por minha conta. Quando eu falava “tenho uma história aqui!” e vinham “ah, mas é caro, muito investimento, e tal”, e dizia “Não, não. Está pronto”. Bem no começo, também, acontecia muito do editor vir pra mim: “Cinquenta fitas? Isso é loucura! – e editor, acima de uma fita, já acha tudo loucura. Eu dizia: “Não tem problema, eu edito.”

Então eles foram se acostumando com meu jeito. A audiência foi muito boa, porque os assuntos chamavam atenção e tal. Mas o que eu fazia sozinho, queria fazer em conjunto. Eu queria um olhar múltiplo. Quando eu fazia matéria de denúncia, eu me sentia injusto com o acusado. Achava que tinha que ter “um outro Caco Barcellos” acompanhando o acusado. Para entender o que o fez fazer aquilo, que circunstâncias. Mas acompanhando mesmo o outro lado. Não “ouvindo o outro lado” depois de provado tudo. Por que não eu fazer a investigação da defesa dele? Isso é uma viagem maluca minha. Mas acho que a idéia principal é isso... busca de equilíbrio, de levar uma informação mais qualificada. Como não dá pra ser onipresente, por que não entrar um de cada lado e a gente se encontrar no meio?

Uma matéria sobre desocupar um prédio público ocupado por sem teto, por exemplo. Um vai com a tropa de choque, outro já espera lá dentro, outro vem de helicóptero com a imprensa, que sempre chega depois. A gente vai um dia antes. Porque aí não precisa duvidar de ninguém. Se trabalhar como a imprensa trabalha, que chega depois e ouve as pessoas, não vai se saber ao certo o que aconteceu. Digamos que tem uma mulher chorando, dizendo que o coronel bateu nela, etc. Pode não ter sido nada disso, ou pode ter sido até pior do que ela disse.

E não precisa ofender ninguém. Eu vejo com frequência esses *denuncistas*, repórteres, até locutor dizendo “crime covarde hoje à noite, bandidos...” - não precisa dizer isso. Quer dizer que ele é covarde? Prove então. Se tem cinco hematomas,

cacetadas, não tem o que questionar. Foi covarde e pronto. O mais importante é mostrar que foi covardia mesmo.

Por que você acha que programas assim não têm um espaço maior na televisão?

Achar a prova não é fácil. Demora. Para achar os tiros na nuca (como as vítimas da Rota) tem que desenterrar o corpo, ter autorização da família, etc. A empresa tem que achar isso relevante também. E tem que interpretar que empresa é essa. Eu não posso dizer que é uma empresa contra a reportagem, já que o *Profissão Repórter* está lá. Se eu fosse dono, eu faria muito mais, certamente.

Você respondeu parcialmente, é o produto mais caro do veículo, a reportagem. Por que não um grupo independente, pequeno, fazer isso? Por que as mídias sociais não fazem? A grande empresa é fácil a gente criticar, porque tem estrutura, tem dinheiro. E a mídia social que é livre? Que tem em casa! Por que não faz? É muito mais opinião, reprodução de opinião. Você escreve o que você quiser.

Mas as coisas que eu desejo fazer lá, eu tenho mais dificuldades com os colegas do que com o patrão. E isso que eu estou te dizendo tu podes ouvir exatamente o contrário de outro jornalista. A gente está vivendo um momento muito interessante por conta disso. Discussões pesadas entre colegas, confronto de gerações... É muito legal. Às vezes, é revoltante, é claro. Mas é muito interessante.

Quando eu seleciono os repórteres, claro que busco afinidade. Mas não plena. Eu gosto do contraditório. Se não fica tudo igual. Acho legal ter segmentos sociais diferentes, classes sociais diferentes. Olhares diferentes. Lá eu tento colocar o jovem que nunca entrou numa favela, por exemplo, para pegar a matéria sobre isso, para mostrar a visão dele. Acho que fica uma coisa mais rica. Mais interessante para o telespectador, que também não conhece aquela realidade.

A minha expectativa é o espectador que está em casa se identifique mais. Ele vai pensar “Como seria eu aqui no sofá, em um grande julgamento?”, por exemplo. Eu já fui em vários, mas um jovem de 22 anos que nunca foi vai ter uma visão diferente. E o telespectador vai estar vendo por esse jovem. A pessoa em casa fica imaginando como seria com ela.

Quando busco afinidade, busco paixão pela reportagem. Paixão por contar história. Paixão pelo outro, pela história do outro. Não “dono do mundo”. Não quero. Se não vai ficar ali e nem vai pra rua. Fazendo *ctrl c ctrl v*, ou vai fazer poesia. Fazendo um texto poético em cima das imagens que o câmera que foi para rua fazer (que foi o verdadeiro repórter). Ou o produtor sai, grava, grava, grava, corre risco de vida e o repórter fica esperando as informações na redação. Quando fica pronto, escreve uma passagem... um argumento é “Eu sou famoso. Se eu aparecer lá ninguém vai fazer nada errado na minha frente.” Aí vai o produtor, corre risco e o repórter não se envolve.

A história está na rua. Não está com você. Ctrl C + Ctrl V vale para você se preparar, para saber mais. Porque tudo ali já foi feito, não é. Não tem porque reproduzir o que já foi feito. Minha obrigação é levar conteúdo novo para a rede.

O que te levou a escrever o *Rota 66*?

Os três livros foram um processo. Eu estava com um excesso de informação sobre as histórias e queria colocar pra fora. Sobretudo que eu procurava informações na imprensa sobre esses assuntos e não encontrava muita coisa. Não via em lugar nenhum e achava interessante que as pessoas tomassem conhecimento sobre essas coisas.

O primeiro eu estava numa guerra. Quando voltei da guerra (da Nicarágua) fiquei lendo e não tinha nada. Tinha vivido uma experiência muito específica lá com os jovens, etc. Pensei: “Caramba, essa aventura toda aqui e não tem em lugar nenhum!” Foi uma grande experiência e cheguei aqui e não via nada.

O segundo já foi uma coisa mais grave e o terceiro também.

No *Rota*, foram duas situações. Primeiro que eu achava uma loucura. Tinha vivido aqui em porto alegre já e tive uma vivência naquele bairro que você conhece ali (Partenon), e convivi de perto com muitos amigos que derivaram para o crime. Paulinho do Murialdo virou um assaltante famoso no Rio de Janeiro. Foi o amigo que me ensinou a dançar. Os passos novos da dança da época que ele trazia para o bairro.

E cruzei com muitos deles depois que virei repórter. Amigos que conheci jogando futebol. Convivia muito com jogadores. E era muito amigo deles. Eu queria ser jogador.

Por ver de perto essas coisas... Na minha família também. Até hoje guardo comigo a carteirinha, uma espécie de plantão, do Presídio Central. Ia muito lá visitar parentes e amigos. Principalmente familiares.

Mas quando eu vi o que acontecia lá, a relação com a polícia de maneira muito mais radical. Porque aqui (em Porto Alegre) a gente corria pra não tomar um, como a gente chamava, chá de banco: ia para a delegacia, tomava uns tapas na cabeça, chute no traseiro e mandava embora. Quando tinha algo realmente errado, ficava no xadrez, era uma coisa mais dura.

Mas quando virei testemunha de histórias, não mais envolvido, nelas, me dei conta de que era muito mais radical. Que o pessoal que a ditadura criou para matar guerrilheiros, quando acabaram com os guerrilheiros passaram a fazer com os criminosos comuns. E eu sempre atento, observando. “Caramba, quando eles falavam dos guerrilheiros era a mesma coisa. Sempre alguém que agrediu em legítima defesa, o criminoso nunca tem nome, nunca tem documento, sempre socorrem, levam para o hospital. Sempre um sistema idêntico.”

Me dei conta de que as histórias eram sempre as mesmas. Aí descobri que os americanos que ensinaram: como matar, como fazer a sociedade acreditar que foi um tiroteio. Sempre o mesmo esquema. E isso é muito grave. Imagina! O esquadrão da morte dentro do estado. Agindo com o meu dinheiro! Eu sou cidadão brasileiro e estou pagando para isso. E eu sou contra isso. Não posso admitir. *E essa é uma profissão em que se precisa falar a verdade. E os relatos oficiais eram mentirosos. Como que você vai reproduzir uma mentira? Não fazendo nada contra isso? Que profissional é esse? Não estou aqui na vida para reproduzir mentira.*

Ou eu podia fazer alguma coisa contra isso. Então resolvi fazer o livro. Depois de pensar muito. Pensei em mil coisas, cheguei a pensar em pegar um megafone, ir para a frente do quartel e fazer umas narrativas que eu tinha descoberto. Mas encontrei uma editora que topou fazer o livro, eu assinei embaixo a responsabilidade por tudo.

A motivação foi essa. Eu tava querendo até pra sobreviver na profissão. Se eu não fizesse ia abandonar. Eu preciso estar aqui com moral minha. Com minha ética própria. Se o comando da polícia militar mente eu preciso dizer que mente.

Bastava trabalhar meia dúzia de horas que se descobria incoerência. A mãe dizendo que o filho saiu de casa com carteira de trabalho, documento e tudo e eles nunca tinham documento. Que coincidência é essa? Sempre preso sem documento. A corporação tinha 100 mil homens na época, 60 mil nunca tinham matado ninguém, alguns nem tinham disparado uma arma. E uma pequena unidade de 450 homens todo dia cruzando com bandidos dispostos a atacá-los. Os outros sempre prendem, sempre tem documento. Ou quando se envolviam em tiroteio legítimo, vai lá prende, não mata, mas o cara tá com documento.

E os deles, da rota, Nunca tinha testemunha. Porque nunca era um tiroteio. Quando tinha refém, que a imprensa chegava, aí eles não matavam. Sem contar que tiroteio é sempre 10 pra 1, 14 pra 1, 16 pra 1: 16 feridos para um morto. E lá era sempre 1 a 0, 10 a 0, 20 a 0, 32 a 0. Nunca tem ferido para o outro lado? Que tiroteio é esse?

E nunca tem sobrevivente? E, sobretudo, todos desconhecidos, bandidos, sem documento. Parece um acordo coletivo no Brasil. Ao contrário: o ladrão gosta de documento. Porque fica insuspeito. A gente pode estar aqui sem documentos, mas bandido não.

Qual era sua intenção quando fez o livro?

Eu queria denunciar o absurdo que é o esquadrão da morte financiado pelo estado. O absurdo que era matar “bandido”. E assumi essa postura “vou defender bandido”. E para minha surpresa - e isso que é o fascinante da reportagem, ela te conduz pra caminhos que tu não deseja. Eu queria denunciar que matavam bandidos e acabei provando que matavam inocentes, nem bandidos eram. Por isso explicava “desconhecido” que eles descobriam “caramba matamos o cara que era trabalhador” tem que queimar o documento dele e apresentar como bandido. Tudo pobre mesmo. Ninguém vai dar a mínima. Aí entendi todo o processo. Eu desconfiava, mas não sabia que era articulado pelos americanos. Esse sistema prevendo que se um dia alguém investigar, não vão chegar no culpado, nunca. Isso de levar para o hospital o que era? Diziam estar socorrendo a vítima – que morreu a caminho do hospital. E a

imprensa fala isso. Gesto humanitário, policial correto. Não só abateu o bandido, mas retira do local. Se retira o corpo, não tem perícia. E a investigação científica, se houvesse, ia fazer autópsia. Sem a prova científica não. A partir do começo errado, tudo fica errado.

E a Rota foi criada no período de 1970. E o BOPE faz isso até hoje! É uma coisa muito burra!

O que você achou dos filmes “Tropa de Elite”? Achou que “exaltou” muito o trabalho do BOPE?

No primeiro total. Mas ainda sim no segundo, o bope tá protegido. Claro que o escritor deles é o capitão que hoje virou comentarista de segurança. Ele disse que sua unidade era correta. Talvez naquele momento, na sua geração, mas a história conta outra coisa.

E aquele cara do filme, que existe, que é o Freixo¹⁰, que está indo embora. A anistia disse “Saia se não você vai morrer.” E está certo ele. Que vai sobre a guarda da rede de proteção da anistia internacional. Talvez eu não estivesse aqui se não fosse essa rede. Eu lembro quando eu estava lá no sufoco. Que ele está hoje. O governador de SP recebeu 7 mil cartas dizendo “ei o que está havendo com sua polícia? Que está matando e ainda atacando um repórter? Porque você tá fazendo isso?”.

Aí eu lembro que o governador obrigava a dar segurança pra mim e dizia para os coronéis, porque se acontecesse qualquer coisa comigo, sendo eles ou não, iam pensar que o governo estava envolvido, mesmo que quisessem me ver morto tinham que me proteger.

Quais conseqüências diretas o livro teve? O que te fez pensar que valeu a pena investir nele?

Uma só. Tomou uma decisão fundamental. Uma iniciativa de um deputado maravilhoso chamado Hélio Bicudo: até a existência do *Rota*, os crimes dos quais

¹⁰ **Marcelo Freixo**, deputado estadual do Rio de Janeiro pelo PSOL, foi Presidente da CPI das Milícias e, por isso, inspirou o personagem Diogo Fraga do filme *Tropa de Elite 2*. Após diversas ameaças de morte, Freixo deixou o país a convite da Anistia Internacional no final do mês de outubro de 2011.

eles eram acusados eram investigados pelos próprios PMS e investigados pelos coronéis que são ideólogos desse sistema. E o Hélio criou uma lei dizendo que tinha que ser investigado por meio externo e julgado externo, como é com a gente se mata alguém. Aí mudou, não tudo como ele queria, mas o julgamento é democrático.

E o primeiro julgamento que aconteceu marcando a existência da lei foi até um personagem do livro. Um coronel que chefiou o massacre do Carandiru. Sabe qual foi a condenação? 623 anos. Mas ele pediu recursos, etc. No fim a namorada dele o matou. Com um único tiro. Mas foi uma mudança importante.

Agora se multiplicaram. Antes essa só a rota agora tem tropa de elite no Brasil inteiro. Quase tudo que é Batalhão hoje tem tropa de elite, se acham os heróis, etc. Hoje a tropa de elite tem até um filme famoso.

O que você acha da figura do repórter multimídia

Me parece um pouco inevitável que você tenha outras habilidades. Porque são novos tempos. É muito mais fácil operar câmera agora, por exemplo. O que acho é que pode ter caído a qualidade da fotografia por conta disso. Mas depende do que o sujeito vai fazer com essa habilidade. Em TV acho importante que se saiba fazer várias coisas. Há quem fale da questão corporativa, de você exercer funções que não são suas. Eu fazia com duas pessoas, matérias para o Fantástico de até vinte minutos. Quando virou programa, minha equipe passou para 35 pessoas.

Na verdade todos estão se habilitando a fazer tudo: o repórter se obriga a ser editor, mas é para editar o conteúdo dele mesmo. Se você não pensar com a lógica sindicalista antiga, você pode acumular funções, mas vai ganhar outras habilidades. Aí quando sair dessa experiência, você pode ter uma produtora independente ou algo do tipo e fazer o processo inteirinho sem depender de ninguém.

Mas é complicada essa história de fazer tudo ao mesmo tempo, também. Eu, pelo menos, sou incapaz de fazer muitas coisas boas ao mesmo tempo. No Profissão Repórter, eu procuro sempre um “repórter cinematográfico”, por exemplo. Porque repórter significa envolvimento na história. É bom para ele que saiba mais, mas não é função dele exercer essas outras atividades.

Mas também tem uma coisa: se o sindicato fosse exigente, se fossemos recordistas de salário. Infelizmente somos incompetentes como entidade corporativa. Porque então preservar as lógicas antigas se os salários são miseráveis? É uma maneira de ganhar mais.

E se você sugere a pauta, produz, faz a reportagem, edita. O que você está fazendo? Está contando a história. E você vai brigar por ela.

Eu acho que, talvez por influência desse momento de plena revolução digital, que a produção aparente de conteúdo tem uma velocidade impressionante. Aquela coisa vergonhosa que foi a execução do Kaddafi considerando que foram jovens que fizeram aquilo. Feio, né? Já que fizeram a revolução contra a violência. E em instantes já poderia estar nos nossos celulares. Se fosse no meu tempo, chegaria uns 3, 4 meses depois aqui.

Hoje, qualquer lugar do mundo tem uma câmera registrando. Então teoricamente a gente perdeu um pouco a importância. Mas tem um lado maravilhoso: você não precisa correr atrás para ver primeiro. Porque sempre vai ter um celular antes. Não é mais mostrar primeiro, é contar melhor. Porque quem mostrou não sabe por que isso aconteceu, em que circunstâncias. Hoje se recebe uma quantidade maluca de informação. Alguém tem que estar interpretando isso e hierarquizando.

Eu me lembro do livro do Galeano sobre futebol. Que conta que quando o Flamengo saía do Brasil para disputar um jogo fora, o locutor de rádio inventava dois gols para o Flamengo porque sabia que a audiência crescia. Não tinha testemunha.

Qual a maior crítica que tens ao jornalismo de hoje?

Bem genericamente. Eu prefiro falar da minha praia que é reportagem. Mas minha maior crítica é essa coisa em relação à investigação, sobre a qualificação que se faz. Como são coisas que mostram um suposto poder da imprensa de denunciar os outros, isso me preocupa. Sobretudo com a imagem se estamos criando do jornalista. Que imagem a gente tá criando de denunciar de maneira tão irresponsável - que se resume apenas a uma declaração contra a honra de alguém. Porque eu gosto dessa profissão, acho que tem uma função importante. Precisa que a sociedade nos veja como um profissional responsável, criteriosos que não estão querendo forçar a barra com ideologias. Evidente que eu tenho as minhas, meus

preconceitos, minhas crenças, mas isso eu deixo em casa. Até porque acho que não teria graça, sair para rua apenas pra provar aquilo que eu acho bacana e verdadeiro. Eu gosto de me surpreender, encontrar coisas novas, que não imagino que fossem acontecer, mas acontecem, mesmo contra a minha vontade.

3.3 Rodrigo Lopes

Lopes nasceu em Porto Alegre, em 14 de julho de 1978. Estudou na escola pública Anne Franck durante todo Ensino Fundamental, e no Rosário no Ensino Médio. Morou a vida inteira no bairro Bom Fim, onde reside até hoje. Fez vestibular para jornalismo em três universidades, inclusive na UFRGS, e lá cursou a faculdade.

Considerado o repórter multimídia do Grupo RBS, Rodrigo Lopes trabalhou na empresa desde o primeiro semestre da faculdade. Fez a cobertura de grande parte dos maiores eventos internacionais da última década, como a morte do Papa João Paulo II, em 2005, o resgate dos mineiros soterrados no Chile, em 2010 e a Guerra de Israel e Líbano, em 2010.

O que te levou a ser jornalista?

Tenho uma prima jornalista, Simone Lopes, que hoje mora e trabalha em São Paulo, mas se formou aqui na FAMECOS. Quando eu era pequeno, ela fazia faculdade e era amiga da Eliane Brum. E eu, pirralho, freqüentava a casa da minha prima e tinha contato com a Eliane, gostava de ouvir as conversas das duas. Ela trabalhou aqui na RBS, no SBT, na TVE até ser chamada para trabalhar na TV Cultura de São Paulo. Lá ela trabalhava muito com esporte. Adorava quando ela me trazia uma camiseta ou algo do tipo escrito “imprensa”. E isso foi um dos motivos que me levou a fazer jornalismo.

No segundo grau eu gostava muito de literatura, história. Adorava ler, escrever, ler a redação em voz alta, por achar que tinha uma boa dicção, etc. Era cdf. Na oitava série tinha uma professora que fazia os alunos estudarem os países do mundo. Lembro que meu grupo pegou a Índia para falar na feira anual sobre sua cultura. Levamos as roupas e eu fiz até um chapatti. Comecei então a gostar de estudar o mundo. Quando fazia testes vocacionais, o resultado sempre era comunicação e informática. Alguns recomendavam, inclusive, que eu usasse o computador na comunicação.

Que momento o país vivia quando começou na profissão?

Lembro muito do governo Collor. Mas o evento que mais me marcou nessa época foi a morte do Senna.

É uma bobagem, mas eu sempre fui de guardar as retrospectivas que a Zero Hora fazia. As coisas no Brasil me chamavam mais atenção que as de mundo nesse período de decisão da faculdade. Mas isso bem adolescente, sem entender direito o que estava acontecendo. Eu não sabia que o país estava saindo de uma ditadura, por exemplo. Fui me dar conta disso já na faculdade. Para tu ver como eu era tardio nessas coisas. Não sei, parece que quando a gente tá vivendo isso não tem muita noção. Não sei se os adolescentes de hoje tem noção do 11 de setembro, por exemplo. Falando nisso, a Guerra do Golfo em 1992 também me marcou muito. Na área internacional foi o que mais me marcou.

Que material jornalístico você mais consumia e admirava?

Eu costumava gravar, no auge do videocassete, programas especiais da Rede Globo, como as retrospectivas, e matérias mais históricas do Fantástico. Jornal eu lia, basicamente, a Zero Hora.

Gostava muito do Almanaque Abril, comprava todo o ano. Como não tinha internet, era um material que resumia o pensamento e a história universal. Era uma coisa que não se propunha a ser jornalística, mas acabava sendo um pouco. É engraçado que até hoje, na editoria de Mundo da Zero Hora, a gente usa o Almanaque Abril. Porque o Google não dá pra confiar sempre, e no Almanaque os dados são oficiais, diferente da Wikipédia que não necessariamente os dados são confiáveis.

E uma revista que me marcou muito era uma coleção chamada Descobrir. Era semanal e vinha dentro de uma embalagem de papel duro que se destacava para montar um fichário. Eu tenho todos os fascículos. Mexia com ciência, mundo, civilizações. E o mais legal é que vinha com uma miniatura para montar, como um tanque que foi usado na guerra. Isso é uma coisa da qual eu nunca falei, nem lembrava, mas que, provavelmente, foi determinante para escolher o caminho que eu segui.

Como começou a trabalhar no jornalismo?

No primeiro semestre na FABICO tive aula com a professora Rosa Nívea, que nos pediu para entrevistar três profissionais da área. Eu entrevistei João Olivier, Ciro Martins e João Borges – todos da Zero Hora. Lembro que os via com aquele crachá escrito “RBS” e pensava “Nossa! Como eu queria usar um desses...”

Tive outro estágio antes, daqueles que arrumamos nas agências de emprego, mas não era legal e não tinha nada para fazer. Quando cansei desse estágio perguntei para João Borges se tinha como eu entrar na Zero Hora e ele me deu a dica para tentar a vaga de auxiliar de redação, que na verdade era um *office boy* na empresa.

Isso era 1996. Fui selecionado e entrei na Zero Hora como *office boy*. Foi um período bem interessante para entender o processo todo da redação. Pegava o jornal quentinho saindo da prensa. Seis meses depois, virei fotovix, um tipo de operador de um instrumento que visualizava as fotos ainda no negativo em um monitor. Algum tempo depois, mais uns seis meses, eu acho, fui para a agência RBS. Aí é *Copyright*. Só o pessoal no último semestre da faculdade trabalhava lá. Tinham contato com agências de notícias do exterior. Tudo que entrava de notícias do Brasil e do mundo entrava por lá. Estadão, agência Folha... tudo impresso. Imagina o que se gastava de papel!

Atrasei um pouco minha faculdade por causa do trabalho. A Rosa Nívea falava na aula sobre como era a redação e eu discordava, dizia que não era mais do jeito que ela imaginava.

Mas na agência eu tinha mais responsabilidades. Às vezes nos plantões de fim de semana, tinha que decidir se ligava ou não para o meu editor de madrugada.

Me lembro de quando o Romário foi cortado da seleção em 98, e no lugar dele ficaria o Emerson, um gaúcho ainda por cima. Eu estava no plantão e liguei para o editor, mas ninguém atendeu. Então liguei para o fotógrafo e o repórter de esportes que filmaram Emerson no aeroporto. Aí cedo da manhã já tínhamos imagens dele embarcando. Então esse foi meu grande momento. Comecei a sentir que fazia diferença.

Quando me chamaram para trabalhar na editoria de mundo eu tive medo. Sabia que quando passasse para a redação não seria mais considerado um estudante.

Carlos Urbim foi uma pessoa que me ajudou muito. Ele era diretor da Revista ZH e, como na época eu fazia parte de um grupo de jovens, ofereci a ele uma reportagem

sobre grupos de jovens de diferentes religiões. Ele me deu cinco páginas. Imagina ter cinco páginas hoje?

Quem eram seus jornalistas preferidos no começo da carreira? Em quem você se inspirou? E quais são hoje?

Meus preferidos eram meio que os óbvios: Pedro Bial, sem dúvida, que tinha feito a cobertura da queda do Muro de Berlim, em 1989. O Caco Barcelos na época, mas era mais por matérias nacionais. Mas mais o Pedro Bial mesmo.

Hoje o William Waack é o melhor exemplo, eu acho. Porque é um cara que saiu do jornal e foi para a televisão. Ninguém o conhecia no jornal, mas ele foi um grande correspondente internacional pelo Estadão e foi preso no Iraque, inclusive. Ele conta isso no livro dele, que eu tenho. Acho-o um exemplo de alguém que saiu do jornal, mas continuou fazendo reportagens com conteúdo na TV, o que eu acho que é um desafio, e praticamente impossível aqui.

Dos brasileiros que trabalham com “mundo”, para mim é o Lourival Sant’Anna, do Estadão. O melhor repórter internacional que o Brasil tem hoje. E internacionalmente o Jon Lee Anderson, que escreveu a biografia do Che Guevara.

Qual a função social do jornalista para você, hoje?

Legal tu me perguntar isso, porque eu fiz minha monografia mais ou menos sobre isso. Na verdade, meu tema era “O jornalismo investigativo: papel social da imprensa”, porque eu achava que pelo jornalismo investigativo era possível cumprir esse papel. Engraçado né?

Hoje acho ainda que cumpra, por meio do jornalismo investigativo, mas também acho que tem outras maneiras de se fazer, que eu fui descobrir depois. Como o que é chamado de jornalismo cidadão, por exemplo. E o próprio jornalismo internacional, acho que também cumpre. Então eu vou te falar de como cumpre na área que eu trabalho que é o jornalismo internacional. Como eu falo no livro.

Eu me sinto um pouco impotente nas coberturas que faço. Nós, como jornalistas, quando chegamos para entrevistar uma pessoa que está sofrendo, rapidamente recolhemos números, fatos e histórias da pessoa, agradece, vira as costas e vai embora.

Na cobertura dos estragos causados pelo furacão *Katrina*, as pessoas me viam e achavam “Nossa! Jornalista, brasileiro, chegou para nos ajudar!” Eles depositam sobre o jornalista uma responsabilidade, uma esperança, que não é nosso papel. Eu me sentia mal porque entrevistava e ia embora. Que é o que o jornalista tem que fazer né? O papel dele não é ficar ali, ajudando. Mas isso faz eu me sentir mal. Porque, às vezes, a gente usa as pessoas como personagens das tuas histórias, simplesmente.

No Haiti, um dia, nós estávamos em um comboio com um general e nos jogaram uma pedra. O general disse: “Ah, é que eles se revoltam, porque vocês (jornalista) vêm aqui, levam as piores fotos, e nada muda na vida deles”.

Na cobertura de enchentes é a mesma coisa. Você vai ver a situação de uma família, eles querem te chamar na casa do lado, porque foi mais atingida. Todo mundo faz isso na esperança de que “saindo na imprensa, a coisa vai se resolver. E, em última análise, a ‘minha’ vai se resolver.”

Mas por outro lado, no momento que a gente, como jornalista internacional, relata o que tá acontecendo, a gente ajuda a sensibilizar as populações. Em casos de denúncias de violações dos direitos humanos, etc. ajuda a sensibilizar para que talvez aja uma reação mundial contra aquilo que tá acontecendo.

No Haiti pós-terremoto houve fome, doenças, o país precisava de ajuda para se reconstruir e tudo. No momento que tu relata isso, sensibiliza a comunidade internacional para que haja uma ajuda. No caso de guerras, no momento que tu denuncia, como a prisão de Abugrabi no Iraque, tu denuncia que tá havendo violação dos direitos humanos, tu colabora para tornar claro uma história que se não tivesse o jornalista não se saberia sobre isso.

E em última análise, mas bem última mesmo, ao narrar a dor do ser humano em situação de crise ou de catástrofe, a gente tá talvez ingenuamente ou inocentemente imaginando que a gente tá amenizando um pouco daquilo que está acontecendo com aquelas pessoas. Mas acho que seria uma coisa bem subjetiva, sabe? Mas concordo com ele, é o que eu sinto. No momento que eu to narrando, eu sinto que já estou fazendo algo por aquela pessoa. O que pra mim é um pouco do papel social da imprensa.

Durante todas essas coberturas, você passou por algum, ou alguns, dilemas éticos?

Por exemplo, eu nunca precisei pagar propina para entrar num país. Agora na Líbia, em fevereiro quase aconteceu. Precisava entrar num posto de fronteira, os caras vieram e eu disse “Tá, quem é que manda lá do outro lado? É a tropa do Kaddafi ou não é? E os caras “Ah, é o pessoal do Kaddafi, mas dá 70 dólares e eles te deixam passar”. Mas depois os rebeldes vieram nos pegar e não tinha mais tropas do Kaddafi mais lá, então não precisamos pagar nada. Mas no meio da desinformação que tu fica pensando “Será que vai dar certo, será que não vai dar? Que horas a gente vai entrar?”

Mas no fim não precisou pagar propina, o que é uma coisa *‘um pouco condenável’* sabe? Mas acho que eu pagaria se fosse a única maneira de entrar.

No caso da entrada no Líbano, os militares vieram, revistaram o carro, inventaram que a gente precisava de um documento que não existia, uma autorização que não precisava era só pra nos tirar dinheiro. O nosso motorista conseguiu se desvencilhar e conseguimos passar sem pagar também.

Tive um dilema ético em Honduras, por exemplo. Enquanto eu tava lá dentro da embaixada, sofria censura por parte do Zelaya e de seus assessores. Eles ficavam monitorando por uma sala tudo que a gente mandava de lá. Eles sabiam quais eram os jornais que estavam lá representados e monitoravam tudo que a gente mandava. Um dia eu estava meio dormindo ainda e o Zelaya entra na sala em que nós estávamos dormindo e pergunta quem é da A.P. aí um fotógrafo levantou a mão e Zelaya o chamou para conversar e disse que as fotos que ele havia mandado estavam muito ruins. Ele tinha uma em que o ex-presidente aparecia de cabeça baixa, com uma cadeira vazia ao lado, dava a impressão de que ele estava sozinho, abandonado, derrotado. E ele ficou brabo com a história e disse para mandar fotos boas

Essa situação eu não pude contar, fiquei constrangido e com medo de contar enquanto estava lá e ser expulso. Tinham uns rapazes que eram assessores, uns coitados que, por exemplo, o pai era apaixonado pelo Zelaya, tinha largado trabalho e tudo para ficar com o Zelaya lá dentro da embaixada e levou o filho junto de uns 15 anos. E ele era segurança do Zelaya e tinha que passar a noite na porta do quarto dele. Eu me lembro que ele dormiu e como castigo ele teve que dormir na

rua, no sereno no outro dia. Nessa noite, enquanto nós dormíamos na sala ao lado, como se fosse um terraço, ele viu que eu estava com frio e me cobriu com um cobertor. Depois eu vi que era ele. Fui conversar com ele e ele me contou essas histórias todas de que não sabia por que o pai estava lá, etc. eu não sei nem se ele não apanhava. Mas essa é outra história que não pude contar lá dentro, porque eu achava que se contasse eles me expulsariam.

Quando saí e fui para o hotel, entrei ao vivo para a Rádio Gaúcha, no programa *Chamada Geral*, apresentado pelo Túlio Milman na época, e aí pude contar. Aí foi meio que um desabafo assim, sabe? Contar tudo que eu tinha visto.

E eu não vejo problema em deixar pra contar depois, mas foi um dilema ético assim. Outro dilema que tive foi na cobertura d Furacão *Katrina*¹¹. Quando eu estava acabando a cobertura, o Luciano, meu editor da Zero, me liga dizendo que tinha uma brasileira desaparecida em Nova Orleans, que era paraplégica e morava do lado do lago e era a primeira brasileira desaparecida. Tentei voltar, mas não tinha mais para onde ir. Então o máximo que pude fazer foi acionar uma equipe de resgate. E quando eu estava desembarcando do Brasil soube que a encontraram. Se chamava Denilda, era mineira, e estava morta. Mas o dilema ético era: Se eu a encontrasse, o que ia fazer? Entrevistá-la, dar as costas e ir embora? Colocar no meu carro e levá-la comigo? Certamente, se ela estivesse viva eu faria isso, ultrapassando a barreira entre o jornalista e o ser humano. Até porque não vejo muita essa barreira, na verdade. Pra mim, está tudo junto.

Você tem alguma, ou algumas, críticas sobre o teu trabalho?

Sou muito crítico. Sou chato comigo. Perfeccionista. Isso é uma qualidade e um defeito meu. Tem uma outra característica que eu acho que é uma qualidade e ao mesmo tempo um defeito que é a tentativa de antecipar os fatos. Sempre penso “Ah, se não acontecer isso, vou fazer aquilo. Se não entrar por aqui vou tentar por lá”. Isso é bom porque é uma forma de deixar minha mente focada no que tenho que fazer, a buscar soluções. Mas ao mesmo tempo cria uma angústia enorme.

¹¹ O furacão conhecido como **Katrina**, foi um grande furacão, uma tempestade tropical que alcançou a categoria 5 da Escala de Furacões Saffir-Simpson. Os ventos do furacão alcançaram mais de 280 quilômetros por hora, e causaram grandes prejuízos na região litorânea do sul dos Estados Unidos, especialmente em torno da região metropolitana de New Orleans, em 29 de Agosto de 2005 onde mais de um milhão de pessoas foram evacuadas.

Além disso, eu me cobro muito mesmo. Sou muito crítico comigo. Acho que é essa coisa de filho único, pais separados. Querer agradar o pai, despertar a atenção dele. Fico meio querendo ser perfeito. Mas a gente não é.

Eu me cobro muito. Quando ganhei o prêmio na Argentina, por exemplo, se eu fosse jurado, não teria “me dado o prêmio”. Porque, na época, eu achei que o texto estava legal e tal. Mas, vendo hoje, acho que está muito simplista, muito raso. Um texto mediano, eu diria. Não é um texto complexo, com muita informação. Acho que está bem escrito, para quem tinha 24 anos. Mas acho que a gente, com o tempo, escreve melhor. Nelson Rodrigues disse isso, quando o perguntaram como se tornar um bom jornalista, ele respondeu: “envelheça”. Acho que a medida que a gente vai envelhecendo o texto vai ficando mais apurado. Não se faz mais comparações infantis ou coisas do tipo. Eu vi isso agora escrevendo o livro. Eu queria colocar coisas sobre a Argentina e achei o texto muito simples. Isso eu critico muito no meu trabalho. Mas também, nem sempre se está nas melhores condições para escrever, numa reportagem.

Nesse caso, as más condições eram só em função de eu ser novo mesmo. Mas às vezes, com essa história de “multimídia”, você faz mil coisas ao mesmo tempo. Você está editando um vídeo, uma fotografia e tem que parar tudo para escrever um texto, que pretensiosamente tem que ser o melhor texto da tua vida, porque tu está numa grande cobertura.

Mas nem é tanto pelas mil coisas que tem que fazer, mas pela pressão de estar num momento histórico, por o jornal estar investindo bastante em mim e o público estar esperando um trabalho diferenciado, que é o que se espera de um enviado especial. Um olhar diferenciado.

Até que ponto a produção da matéria jornalística é mais importante para ti do que o acontecimento em si? No caso da guerra de Israel e Líbano, por exemplo, em um momento tu disseste que ficou com medo de que “a guerra acabasse antes de tu chegares ao Líbano”. Tu realmente preferias que a guerra continuasse para que pudesses fazer a matéria, mesmo sabendo que o fim da guerra seria uma coisa boa?

Na guerra, sinceramente, eu queria que continuasse até eu chegar. Porque queria muito fazer uma reportagem de lá e já estava a caminho.

No caso da brasileira do Katrina eu já não sei se faria reportagem. Mas faria da minha experiência, porque não vejo muito essa separação sabe? Para mim toda minha experiência pode virar uma boa reportagem. Por que essa nossa conversa não pode virar um livro daqui a pouco?

Eu não acredito na distância do fato jornalístico. O que eu mais me critico hoje é a forma como cobri o Katrina. Porque não tinha coragem na época de alugar um barco, por exemplo. Pode parecer uma bobagem, mas para mim faria toda diferença. Nem sei se tem como. Mas a CNN e a New York Times estavam com barcos com motoristas.

Outro é o dilema de ter que voltar. Isso eu me cobro. Ainda bem que eu consegui entrar na Líbia. Se não eu ia me sentir muito mal. Eu consegui entrar pelo lado leste que era o mais complicado porque era o lado que o Kaddafi ainda dominava. Todos os colegas foram pra Benghazi. Porque todo mundo foi pro Cairo Egito, foram para Alexandria, depois de carro até Tobruk, capital dos rebeldes, e entrou pelo leste, por Benghazi. Minha idéia e do jornal era entrar pela Tunísia. Fui para Tunis, capital da Tunísia, desci de carro até um posto de fronteira e me hospedei numa cidade chamada Gerba. Ali a gente tinha a noção de que o regime ia cair em 72 horas, então seria muito mais perto de passar quando as tropas saíssem dali.

Os militares desertando, eu poderia entrar. Em Tripoli, capital da Líbia, era muito mais perto.

Isso seria uma distância que eu percorreria em uma hora e meia. E os outros demorariam 10 horas, porque queriam entrar pelo outro lado.

Só que o regime não caia e eu já não tinha mais o que dizer. Num dia tu faz uma matéria sobre refugiados, no outro dia tu conta a dificuldade dos jornalistas, no quarto dia tu não tem mais o que falar. Um cara do estadão descobriu q tinha um ponto de fronteira. Andrei neto, que depois acabou preso pelas tropas do Kaddafi e até desaparecido por algum tempo. Trabalhou na zero, meu amigo. Ele estava no mesmo lado que eu e com o Lozcan. Mas foi super arriscado porque ele avançou com os rebeldes. Ele quis ir porque a Folha estava lá, então ele ficava na obrigação de também ir. E eu me sentia pressionado a ir também. Perguntei ao Lozcan o que ele achava e ele disse que tinha ordens da Globo de só entrar se houvesse “total segurança” . só que total segurança nunca tem em lugar nenhum. Então resolvi ir. Convenci o motorista a fazer o trajeto de 7 horas. Lá que eu não sabia como entrar, se teria que pagar propina, etc. Porque legalmente não tinha como entrar mesmo. O

Kadaffi não dava visto para jornalista. Todos estavam com os rebeldes. E nessa fronteira eram os rebeldes.

Quais as suas prioridades em uma cobertura jornalística?

A primeira coisa que eu faço quando entra num lugar é ligar para entrar ao vivo na Rádio Gaúcha, para marcar território. Como uma bandeira numa guerra. Tenho que garantir a exclusividade daquele momento e a rádio se presta muito a isso.

A prioridade é marcar a presença do veículo e do repórter lá dentro. Na Líbia foi o primeiro boletim de rádio do mundo. Entra relatando o que está vendo e o que está acontecendo. Não é a exclusividade de fazer o que ninguém fez.

Eu acho meio ridículo. O Estadão faz uma matéria e a folha tem que fazer uma melhor. Aqui a gente não tem isso. Não preciso sair enlouquecido para fazer algo diferente do Estadão.

Tu percebes uma prática hoje nas redações de se basear muito no trabalho de outros veículos para pautar o próprio? Acredita que isso gera uma repetição de informação?

Vejo muito isso na edição. Quando incluem coisas no meu texto que são informações só porque outra pessoa está dando. Muitas vezes fica fora de contexto, porque eu gosto de contar uma historinha. Imagino a reportagem com começo, meio e fim. Aí às vezes depois do meu texto vem uma observação totalmente fora adicionando algo que os outros lugares estão dando.

O que você acha da figura do repórter multimídia? Acredita que ele tenha surgido com o intuito de aumentar a visibilidade da notícia ou para diminuir os gastos da empresa?

Acho que a questão da economia é 50 ou 60% que se manda um e não mais. Se eu tivesse um cinegrafista, além da qualidade ser melhor eu teria um parceiro para dividir as tormentas.

E os jornalistas de hoje já pensam assim. Se tu quisesse fazer um vídeo agora tu poderia, talvez estaria anotando menos. Já é meio automático estar coletando material.

No dia que eu entrei na Líbia nessa fronteira que te mostrei eu precisava gravar imagem porque queria registrar essa passagem. Mas também queria entrar ao vivo na rádio. Então entrei na rádio gravando para a câmera no vídeo e no telefone. Isso deu uma veracidade maior. Como eu sou único, eu tenho a impressão de que tenho um controle maior sobre o assunto. Que na verdade o assunto em si é um só. A única diferença é que na TV é um tipo de linguagem, na rádio outro e por aí vai. O conteúdo da informação é o mesmo. O que eu acho que não se aceita mais é a repetição de informação. O contexto é o mesmo, mas não se aceita mais reproduzir o mesmo material em todas as mídias. Até na zero.com se faz isso ainda. Eu não faço mais isso. Acho que o público não aceita mais isso. Quem lê algo na Zero não quer ouvir a mesma coisa na Gaúcha.

Mas e, sendo só você o correspondente para todas as mídias, não acaba sendo uma visão apenas?

É. Realmente, o olhar é um só. Todo o olhar é meu mesmo. Então, conseqüentemente, o olhar que chega é sempre o mesmo. Legal tu me dizeres isso. É mais uma coisa que tu estás me trazendo na qual eu não havia pensado ainda... Eu adoro pensar sobre as coisas. Embora eu ache meio romântica essa história. Poderia ser pior. Na Guerra do Golfo, o único relato que chegou ao Brasil foi do Sérgio D'Ávilla. Porque era o único brasileiro lá. O Peter Arnet era pior ainda na guerra do Iraque, porque ele era o único do Ocidente lá. A CNN reproduzia o que o repórter dizia, enquanto, aqui, a Gaúcha repassava o que a CNN dizia e a Zero Hora se pautava em cima da rádio e por aí vai.

Nos últimos anos você foi o repórter da RBS que mais cobriu eventos internacionais. Como você vê essa situação, pensando nos teus colegas? Acha bom que sempre lhe mandem ou acha que outros colegas irem também seria interessante?

Nos últimos 10 anos eu sou o jornalista que mais viaja na Zero Hora. Mas não estive nos ataques de 11 de setembro, nem na Guerra do Iraque nem na do Afeganistão. que foram 3 dos episódios principais da década, se tu pensares. Os terremotos no Chile e no Japão foi o Daniel Scola.

Claro que quando estoura um negócio grande eu quero ir, fico frustrado se não vou. Mas acho que é necessário outros irem mesmo. Percebo isso principalmente nas eleições. Eu tenho uma maneira de atuar. Em coberturas políticas, eu tento humanizar ao máximo o processo. Mostrar como a política influencia a vida daquelas pessoas. Se não fica muito chato!

Porque política no Brasil já é muito chato. Imagina falar das eleições no Peru? O que ia interessar para o leitor? Ia ser muito chato! Ninguém ia ler. Texto burocrático de política ninguém tem vontade de ler. E se não for interessante e ninguém ler, eu não vou viajar mais, o jornal não vai apostar mais em coberturas internacionais... Já é um pouco assim. Viaja-se cada vez menos. Eu acho que nós que viajamos temos a responsabilidade de tornar vivo o jornalismo internacional. É quase uma filosofia Ungaretti assim. Tentar tornar o jornalismo meio guerra de guerrilha. Se a gente não fizer, os caras não vão olhar.

Mas eu tenho algumas estratégias para reportagens de política. Tem uma, por exemplo, que já usei duas vezes e não posso usar mais. Na Argentina, na reportagem que ganhou o prêmio Rei da Espanha, fui num bairro rico e num pobre para saber das pessoas como elas viam a crise econômica e as eleições. Na eleição do Peru foi a mesma coisa. É uma fórmula que eu já não posso usar mais.

Na eleição do Obama eu não fui num bairro rico, mas fui ao bairro que forjou o Obama. Onde ele se criou politicamente e tal em Chicago. Não foi a mesma forma, mas foi meio que parecida.

Aí que eu me dei conta de que era necessário ter um outro olhar. É saudável. Como eu conto sempre o processo da reportagem, às vezes pode ficar meio repetitivo. Nas viagens de um lugar para o outro, por exemplo, que tem muitas coisas em comum umas com as outras, os relatos podem ficar parecidos. O leitor pode pensar “ah esse cara só fala da viagem”.

Como várias são de carro, e eu tenho medo de não entrar, e tem postos de checagem, etc. Acaba ficando meio repetitivo mesmo. Mas todo mundo faz isso. O Scola faz isso também.

Mas eu vou porque é meio automático, já. Eu sou um cara que está sempre ligado com o que está acontecendo no mundo. Falo inglês, espanhol. Já passei por experiências que me vi bem. Só o fato de ter colocado a RBS dentro da embaixada em Honduras, por ter entrado na Líbia quando ninguém acreditou que a gente conseguiria entrar. No Líbano também... Então, acabam me mandando porque

pensam “ah, o Rodrigo resolve, vamos garantir com ele. E melhor que isso ainda entra bem na rádio, faz um bom texto pro jornal...”.

Porque, às vezes mandam colegas que entram bem na rádio, mas não escrevem bem para o jornal. Ou escrevem no jornal mas não falam bem na rádio. Que são os dois meios principais em coberturas internacionais da RBS. E eu acho que eu consigo fazer bem os dois, porque eu fui um dos primeiros que começou com essa história de multimídia.

Quando me diziam que eu era explorado e eu dizia que eu estava aproveitando as oportunidades. Via como aprendizado para fazer outras mídias. Nunca chiei para entrar na rádio ou na TV. E as pessoas diziam “ah mas tu não recebe para isso!”, mas eu usava como experiência. Tanto aproveitei que hoje eu recebo por todos eles. Tenho contratos separados para jornal, TV e rádio. Se eu for demitido da TV, isso não vai interferir em nada nos contratos do rádio e do jornal. São contracheques diferentes. E o meu salário foi negociado direto com o Nelson (Sirotzki – atual presidente do Grupo RBS). Então eu brinco que todo mundo é meu chefe. Eu tenho vários chefes. Até agora na RBS tinha um diretor de produto, então era mais fácil. Mas agora vai voltar a ser como era, com um diretor para cada mídia. O que, para mim, é um retrocesso nesses tempos de multimídia. Porque tinha até agora uma idéia maior de grupo RBS.

E você acha isso bom para o jornalismo?

Para o jornalismo que eu prego é um retrocesso. Nessa história de união entre as mídias é um retrocesso. Mas acho que se eles querem multimídia eles tem que preparar profissionais para fazer isso bem em todas as mídias.

Por exemplo, agora, o Treze foi para a Líbia. Fez a cobertura para o jornal. mas na TV não existiu. Fatalmente quando eu vou acaba tendo uma repercussão maior por causa da multimídia. É que poucas pessoas lêem o jornal hoje. Acabam se informando pela TV, pelo rádio.

As redações antigas passavam 90% do tempo procurando informação. Hoje elas passam 90% do tempo descartando informação. E editando. Hoje o papel da edição é muito mais importante. Porque tem muita coisa que não interessa. O papel do jornalista é dar sentido para essa avalanche de informação. O papel do jornal impresso, hoje, é hierarquizar a informação. Por que ainda existe a manchete? Para

dizer que uma coisa é mais importante que a outra. Se está certo ou errado é outra discussão, mas que o papel é esse é.

Qual o futuro do jornalismo para ti?

As pessoas vão se informar cada vez mais por interesse, selecionando o que querem. A busca pela informação vai ser cada vez mais segmentada.

Domingo à noite, por exemplo, eu gosto de assistir *Manhattan Connection** por que gosto de notícias internacionais e porque não tem nada melhor para ver nesse horário. Ao mesmo tempo posso estar com o *iPad* do lado e procurar saber mais sobre o assunto de que falam no programa. Depois posso colocar algum pensamento meu a respeito do assunto no meu *twitter*, por exemplo. Tenho 5 mil seguidores, que eu acho um número razoavelmente bom. Não é o que o *Rafinha Bastos* tem, mas é um número grande de pessoas que gostam e acompanham meu trabalho, então não fico tuitando bobagem. Dou minhas opiniões, mas que também são informações. Sou colunista de mundo então tenho uma credibilidade. E tudo isso, posso fazer num momento de descanso, vendo um programa de meu interesse e ao mesmo tempo trabalhando via *twitter*. As coisas se confundem nesse novo século. Posso tá gerando informação e me entretendo. É uma era de comunicação total.

E você acha isso melhor do que era antes?

Não sei dizer se é melhor ou pior... Porque tu também meio que não para nunca! Isso te gera uma ansiedade. Se agora a gente estiver aqui conversando e o hospital começar a pegar fogo a gente vai ali fazer foto, vamos jogar no *twitter* e a Zero Hora vai pegar no *twitter* e se puder fazer um vídeo vai estar no Jornal do Almoço daqui a pouco.

Como tu vê a falta de tempo do jornalismo diário? Acha que isso afeta a qualidade do material que se produz?

O jornalismo agora é muito mais superficial, ele não aprofunda porque não se tem tempo. Mas por isso eu acredito ainda que o jornal sirva para consolidar e explicar no outro dia melhor a notícia. Enquanto isso, o rádio tem a instantaneidade e a TV tem a imagem para dar veracidade e a internet dá a notícia aos pedacinhos, o jornal

tem a visão do todo – ou deveria ter pelo menos. A imagem ninguém vai tirar o poder na TV. Assim como no rádio ninguém tira a instantaneidade que pode ser feita em qualquer lugar do Brasil e no mundo. Em 11 de setembro de 2001 em Nova York o único veículo que funcionava era o rádio. Tu não sabia o que tava acontecendo, descia do hotel e as pessoas no rádio do carro para saber o que tinha acontecido, porque as torres de comunicação estavam em cima das torres gêmeas. Em pleno século 21, ele é o veículo de massa. Na internet é estranho porque se pode colocar tudo, mas tu lê tudo e não lê nada porque também não se pode colocar textos muito longos, então é complicado.

Tens algum sonho como jornalista?

É difícil porque já fiz tanta coisa e já me sinto realizado como jornalista. Eu sei o que eu não quero fazer: não quero sair daqui (Rio Grande do Sul). Só sairia por uma grana muito boa ou um projeto muito legal. Gosto muito de morar aqui, tenho minhas raízes aqui, minha família. Gosto dessa história de ir e voltar. Quero passar isso para colegas, jornalistas, estudantes, etc. Penso em ser professor para passar isso. Como te disse, eu sofri um pouco para começar, aprendi muitas coisas na marra, fazendo mesmo. E acho que deveriam ensinar mais isso na faculdade. Falta técnica. Se tu sai da faculdade sabendo algumas coisas, fica muito mais fácil.

Mas primar pela técnica na faculdade, em tempos de tecnicismo extremo, também não seria ruim?

Eu saí da FABICO sem saber pegar um microfone na mão. Não adianta saber sobre Habermas e não saber isso. Saber fazer um texto acadêmico e não saber como faz um lead. Acho que se dá sim, especialmente na FAMECOS, uma importância maior a técnica. Mas também tu não aprende a escrever na faculdade, não aprende a pensar na faculdade. Tem que ter uma base. Eu gosto de história e geografia desde os 14 anos. Mas queria ter dado mais importância para cadeiras humanas da faculdade, mas acho que teria que ter antes também. Isso se forma antes no indivíduo.

Mas voltando aos meus planos, gostaria de fazer um documentário. Tipo uns seis meses na África, tipo um *National Geographic*. Ou na Sibéria, no Alasca. Enfim, uma coisa mais autoral, mais profunda. Porque o jornalismo diário é muito perene, muito

superficial. E um documentário seria a extensão da reportagem de TV. Como o livro é a extensão da reportagem de jornal.

4 Análise das entrevistas

Com base nos depoimentos dos três profissionais entrevistados, foi possível perceber uma série de fatores que demonstram algumas das mudanças conjecturadas desde o início desta pesquisa.

Como era esperado, os motivos que levaram cada um a seguir a profissão, bem como a maneira como começaram nela, não foram os mesmos, apesar de algumas características serem comuns aos três, como gostar de escrever, por exemplo. Percebe-se, nos fatos relatados por eles, que o período histórico em que começaram suas carreiras influenciou, de forma direta ou indireta, no modo como viam (e vêem, até hoje) a atividade jornalística. Flávio Tavares, por exemplo, acompanhou de perto a efervescência dos movimentos estudantis e da militância política da década de 50, e são essas as circunstâncias que o levaram a começar a escrever no primeiro jornal.

As pautas de redação e o CTRL C + CTRL V

Para Flávio Tavares, o jornalista “precisa ver o mundo”, precisa estar na rua. Segundo o jornalista, o *Google*, a cultura de economia das empresas e a figura do assessor de imprensa são responsáveis pelo “repórter de redação”, que faz uma matéria inteira sentado na sua cadeira, fazendo ligações – quando as fazem. Muitas vezes, seja da internet ou de um release enviado por essas assessorias, as notícias são simplesmente, copiadas e coladas, o famoso Ctrl C + Ctrl V dos teclados do computador – prática citada pelos três entrevistados.

Sobre essa tendência a cópia do jornalismo atual, Caco Barcellos entende que o jornalista deve “buscar algo a mais”, e por isso também critica a imprensa atual.

“O que está na rede já foi dito. É preciso trazer algo novo.” – Caco Barcellos

O jornalista defende o uso da internet, do Google e outros sites como *fontes de pesquisa* para a preparação de uma reportagem. Pondera que devemos saber usar essa tecnologia a favor do jornalismo, mas sem se perder qualidade pelo grande acesso à informação, mas sim aproveitá-la como instrumento para contar a história.

Esse é um dos pontos principais de discussão e de discordância entre os entrevistados e os jornalistas em geral de diferentes gerações da atual. Há que se muitas também não são confiáveis, como salienta Flávio Tavares (“Não há nada mais falso que o Google, porque qualquer um coloca o que quiser ali”).

Sobre as pautas dos jornais diários, Caco Barcellos fala que a maioria delas não vem do apelo da sociedade, mas sim de ideias de dentro da própria redação. Isso muitas vezes, segundo Barcellos, por arrogância do jornalista, de acreditar que sabe das necessidades do povo sem sair às ruas para tentar descobri-las ou até por má vontade ou do repórter ou do editor do jornal.

Formação do Jornalista

Sobre a formação em jornalismo, Flávio Tavares, que a fez em volta de livros sobre política, economia e mundo, entende que jornalista deve saber sobre ética, filosofia e sociologia – fundamentalmente ética.

“Os cursos de hoje são muito ruins. São necessários, mas muito ruins. Não ensinam o que o jornalista deve aprender.” Flávio Tavares

Diretamente de encontro a essa visão, Rodrigo Lopes, formado na década de 1990, também afirma que a faculdade não o ensinou o que ele deveria aprender, por outro lado, defende a prioridade técnica em uma frase categórica:

“Eu saí da FABICO sem saber pegar um microfone na mão. Não adianta saber sobre Habermas e não saber isso. Saber fazer um texto acadêmico e não saber como faz um lead.” – Rodrigo Lopes

Tanto nas faculdades, como nas escolas de todo o Brasil, a cultura do tecnicismo como prioridade no ensino tem crescido de forma preocupante. Na própria UFRGS, os currículos de diferentes cursos foram “modernizados”, excluindo cadeiras de cunho teórico em detrimento de cadeiras práticas. Com o objetivo e o argumento de “preparar para o mercado”, o ensino de maneira geral foi perdendo o referencial filosófico, sociológico e humanista – bem como Tavares alerta.

Dentro da Academia, essa é uma incessante discussão: se a tendência da sociedade é ler cada vez menos e primar cada vez mais pela prática, onde se formará a bagagem cultural que constrói o pensamento crítico do jovem, se não dentro das universidades? Além dessa questão, é possível também analisar as diferenças qualificativas que existiriam entre a formação acadêmica e a de um curso técnico, caso as duas sigam a mesma lógica (a lógica do mercado de trabalho).

O fazer jornalístico

Quando perguntado sobre as principais diferenças entre o jornalismo que se fazia antigamente e o que se faz hoje, Flávio Tavares afirma que a mentalidade da sociedade era fundamental na prática jornalística. Quando começou, segundo ele, a sociedade era muito mais politizada e muito menos consumista. Toda sociedade, até mesmo os de classes mais humildes, tinham uma posição política, diferente da alienação de hoje. Por esse motivo, o jornalismo que se fazia para essa sociedade também precisava ser mais politizado.

Analisando o momento a qual Flávio se refere na história do país, décadas de 50 e 60, pode-se pensar que a própria situação política do Brasil e do mundo, de forma geral, “exigia” da sociedade esse comportamento. Além da polarização dos partidos políticos e da opinião pública, herança da Segunda Guerra Mundial, os diversos acontecimentos históricos desse período, dentre eles, a morte de Getúlio Vargas, sucedida da crise em seu governo, a campanha da Legalidade e o golpe militar, podem ser alguns dos fatores responsáveis por essa visão do jornalista, da maior politização da sociedade da época.

Já Caco Barcellos avalia, hoje, o trabalho que fazia como para “seus iguais”. Eram jornalistas escrevendo para jornalistas, intelectuais escrevendo para intelectuais, não tinha a força e influência que imaginavam que tinham. A intenção, na época, obviamente não era essa. Mas refletindo, atualmente, sobre seu trabalho e de seus colegas, Caco diz que o que se conseguiu na época, efetivamente, foi abalar a estrutura do poder militar, mas não necessariamente “mudar o mundo” como ele acreditava quando jovem.

É interessante essa afirmação de Barcellos, também analisando o início de sua carreira. Quando começou no jornalismo, a proliferação da imprensa alternativa no Brasil traz à tona o embate jornalismo X censura. A necessidade de se expressar, relatada pelo jornalista em seu depoimento, criou uma nova geração de jornalistas. Já diferentes dos jornalistas militantes como Flávio Tavares, ainda que eles atuassem nesse período, a geração de Caco Barcellos queria conseguir burlar a censura e expor suas ideias, sem ter a intenção do embate direto com os militares.

Enquanto isso, Rodrigo Lopes diz gostar de contar histórias. Diz que se não “pegar o leitor pela mão e levá-lo para dentro da reportagem” ele não vai se interessar por seu relato. Afirma não gostar de matérias descritivas e burocráticas, que podem ser uma grande “chatice” para quem as lê, principalmente se forem reportagens sobre política.

Em certo momento, o jornalista chega a afirmar que “a política no Brasil é uma chatice, imagina a do Peru!”. Afirmações como essa mostram a forte diferença de interesse político – ou de interesse em escrever sobre a política – em relação aos outros dois entrevistados, principalmente Tavares. Apesar de entender o contexto e a importância política de suas coberturas eleitorais, por exemplo, o repórter sempre procurou contar outras histórias relacionadas a esses momentos, a se focar no âmbito político propriamente dito.

O jornalista e a informação

A figura dos assessores de imprensa, como colocado anteriormente, não existia na época de Flávio Tavares. Para ele, os jornais hoje são todos muito parecidos pelo fato de todos reproduzirem o discurso das assessorias, muitas vezes enviado ao jornalista em forma de release:

“E nós jornalistas, como cães, vamos recebendo o osso que nos atiram. Vamos lá buscar e damos uma forte mordida.” – Flávio Tavares

Na rotina diária das redações, o papel do assessor de imprensa tornou-se fundamental. Pode-se afirmar, até, que existe um “acordo de dependência” entre as duas partes: o assessor precisa do jornalista para divulgar seu discurso para o

grande público, e o jornalista precisa do assessor para “ter” informações. Esse ciclo vicioso, muitas vezes, impede o jornalista de “correr com suas próprias pernas” atrás da notícia ou da fonte de informação, esperando que o assessor o faça.

Outra questão importante sobre esse profissional é que, na grande maioria das vezes, ele é um jornalista por formação, apesar de sua função ser extremamente contraditória às premissas do jornalismo (como neutralidade, verdade, afastamento da pauta, etc.). Apesar disso, não só muitos jornalistas estão seguindo essa profissão, como em grande parte das vezes, ela é preferida pelos jovens formados, por garantir maior estabilidade, melhores salários e melhores condições de trabalho.

Já Rodrigo Lopes comenta sobre o aumento expressivo da “oferta” de informação. O repórter relata, em parte, a mesma situação citada por Flávio Tavares sobre a “enxurrada de releases” que o jornalista recebe diariamente, e considera também a facilidade de propagação das notícias pela internet, que é a situação que Caco problematiza. Diferente das visões dos outros dois, porém, Rodrigo Lopes vê essa circunstância com normalidade, pois já faz parte da prática diária receber esse material de agências de notícias e de assessorias. Ele entende que ocorreu, apenas, uma mudança de práticas: antes a *busca* pela informação, hoje a *seleção* dela, mesmo que essa informação a que se refere *hoje* não seja mais apurada pelo repórter, mas sim por esses canais terceirizados.

“Antes o jornalista gastava 90% do tempo indo atrás da informação. Hoje se gasta 90% do tempo descartando informação.” – Rodrigo Lopes

A investigação no jornalismo

Flávio Tavares jornalista relembra também o papel do *furo de reportagem*, que era um estímulo para o jornalista e um “prêmio” buscado pelos jornais. Hoje, o jornalista percebe, e até pode acompanhar um caso há pouco tempo, em que o furo de reportagem é visto com receio: se ninguém falou disso, porque seria verdade. Enquanto isso, um assunto reproduzido massivamente por um veículo será obrigatoriamente reproduzido da mesma forma nos outros, o que causa a repetição incessante e inútil de informação sem novidades.

O jornalista ainda critica a “invenção” do termo *Jornalismo Investigativo*, argumentando que assim deve ser entendido e praticado todo o jornalismo, e não apenas uma categoria dele.

Sobre o mesmo termo, Caco Barcellos fala do que hoje se entende por investigação no jornalismo, que é, na maioria das vezes, essencialmente declaratório, sem provas nem evidências.

“Hoje o que se faz é jornalismo declaratório, me refiro ao jornalismo de denúncia. E se acha de denúncia, se acha investigativo. Qualquer um vem e fala e só usa um veículo para falar.” – Caco Barcellos

O jornalismo a que Caco se refere como declaratório é comum de se ver, principalmente, nas revistas semanais que se dizem “investigativas”. Diversos escândalos, principalmente, políticos que vieram à tona pela imprensa surgiram de declarações passionais, muitas vezes, infundadas. Percebe-se a falta de investigação e a falta de *interesse* nessas investigações na sequencia desses acontecimentos que viram assunto por uma semana, ou um mês, e depois desaparecem da mídia. Não é interessante para as empresas investirem em uma investigação de qualidade, com provas e denúncias verdadeiras, se as especulações e declarações polêmicas já rendem a venda de exemplares e a repercussão massiva dessas informações, sendo elas verdadeiras ou falsas.

Qualidade do jornalismo atual

Sobre os jornais de hoje, os três concordam, de alguma forma, que a qualidade deixa a desejar. Além das críticas já citadas anteriormente, os três concordam com a superficialidade do jornalismo diário.

O tempo cada vez menor para a produção de matérias e a falta de interesse em se ir mais a fundo em questões mais complexas são alguns dos maiores responsáveis pelo jornalismo “raso” – como o próprio Rodrigo Lopes avalia - que se vê nos jornais, atualmente. Apesar de concordar com a crítica da superficialidade, o repórter acredita que o jornal impresso ainda cumpra com o papel de “explicar melhor” os fatos, comparados a outros veículos de comunicação.

“O jornalismo agora é muito mais superficial, ele não aprofunda porque não se tem tempo. Mas por isso eu acredito ainda que o jornal sirva para consolidar e explicar, no outro dia, melhor a notícia.” – Rodrigo Lopes

Contrário à visão de Lopes, Flávio Tavares não encontra qualidade na maioria dos jornais diários.

“Se você pega os nossos jornais, fundamentalmente os jornais de Porto Alegre: estão cheios de bobagem! Notícias que não são notícias. Pessoas que não são fontes de notícia nem objetos de notícia. Perdeu-se a noção do que seja notícia, as notícias são muito superficiais. As pessoas perderam a noção do que é sociedade.”
- Flávio Tavares.

Da mesma forma, Caco Barcellos lamenta a falta de pautas vindas de demandas da população, e preocupa-se com a imagem que o profissional de jornalismo está construindo perante a sociedade.

“Eu sempre desconfio quando as páginas e os espaços da TV são ocupados por temas que vieram das redações e não das ruas. Eu tenho quase certeza, sem ter feito uma pesquisa antes, de que se a gente sair daqui e pegar um jornal, todos os assuntos são criações das redações e não das ruas. As denúncias, com certeza. São das redações e não da sociedade.” – Caco Barcellos

Sobre essa preocupação de Caco Barcellos, Tavares afirma que, apesar de o trabalho do jornalista estar menos apurativo e menos investigativo, a sociedade continua e continuará confiando nele e em seus julgamentos.

5 Considerações Finais

A partir desse trabalho foi possível perceber as principais mudanças pelas quais passou o exercício do jornalismo, fundamentais para a transformação da própria identidade desse profissional. Os relatos dos três entrevistados, tanto de suas histórias pessoais como de suas percepções acerca dos erros e acertos do jornalismo demonstram algumas das principais modificações pelas quais passou a profissão. O objetivo de obter um material passível de comparação entre os três diferentes momentos da história do país e da história do jornalismo foi alcançado. As experiências vividas pelos três, seus questionamentos quanto à função do jornalista para a sociedade e suas críticas quanto ao jornalismo atual chegam ao ponto onde este trabalho pretendia chegar: a profissão mudou e o profissional que a segue mudou também.

Por esse motivo, os depoimentos foram transcritos e apresentados no corpo do texto do trabalho, como material de mesma, ou até maior, importância que a análise dessas entrevistas. Acredito que, quando as mudanças são descritas pelos próprios personagens dessa história – que é, sem dúvida, muito maior do que a que pôde ser contada nesse estudo – as expectativas da pesquisa são superadas satisfatoriamente, ao menos para a pesquisadora. Afinal, as descrições feitas por estudos já realizados sobre esses aspectos não teriam a riqueza de informações e a força das sentenças que se pôde obter dando voz aos próprios profissionais da área.

Cada entrevistado deu seu parecer sobre a situação do jornalismo atual, e diversas sentenças passíveis de reflexão. Flávio Tavares, em síntese, acredita que o jornalista de hoje não se interessa mais na sociedade, não observa mais o mundo. Essa é uma afirmação a se pensar a respeito da profissão e a respeito de toda a sociedade: a aparente “robotização” da rotina de consumo e a falta de senso crítico da população subverteram a função social da imprensa. Há de se encontrar, agora, o local onde ela deve se inserir sem perder a identidade. Como já contextualizado neste trabalho, a época histórica em que Flávio começou no jornalismo é marcada pela relevância muito maior à realidade política e à leitura.

Sobre esse aspecto, uma pergunta feita aos três entrevistados também demonstra bastante a mudança de conceitos sobre o que é considerado “bom” no

jornalismo, e o que se avalia ao falar dessa qualidade. Quando questionados sobre suas preferências, tanto de leituras, quanto de profissionais da área, cada um traduziu em nomes suas diferentes percepções: Flávio Tavares, por exemplo, citou como jornalista que admirava Samuel Wainer, fundador e editor do jornal Última Hora, que teve destaque no período de forte nacionalismo do governo de Getúlio Vargas. Um jornalista político e militante. Enquanto isso, Caco Barcellos citou Octávio Ribeiro, o “Pena Branca, um repórter que sabia circular em favelas como ninguém, mostrando o caráter mais social – menos político – do jornalista que já começou a carreira tendo que burlar a censura para trabalhar.

Já Rodrigo Lopes caracteriza seus ídolos como “os óbvios da época”, citando como exemplo Pedro Bial, então repórter internacional da Rede Globo. Certamente, o jornalista acredita que Bial era um ídolo *óbvio* por aparecer na TV na cobertura de grandes eventos históricos (como Lopes sonhava ser). Isso demonstra, também, a força da TV e a influência que ela causa, não só no público em geral como nos novos jornalistas.

Certamente, a mentalidade de consumo que se proliferou com o avanço do capitalismo influenciou diretamente nessas mudanças. A industrialização, a pós-industrialização e o neoliberalismo foram fundamentais para as transformações nas relações de trabalho como um todo, e não seria diferente na atividade jornalística.

Além de o cenário econômico ter se modificado, o fato da política brasileira ter passado por momentos delicados nas últimas décadas, também foi fundamental para a criação do pensamento crítico que existia na época e que influenciava diretamente no trabalho do jornalista, como se percebeu no depoimento de Flávio Tavares. Da mesma forma, a democratização, a liberdade partidária e a estabilidade política dos últimos anos, mesmo com a grande quantidade de escândalos de corrupção no país, podem ter sido responsáveis pela diminuição considerável dessa mentalidade “revolucionária”.

A prioridade pela técnica em detrimento da teoria também se pôde constatar a partir da comparação das respostas de Flávio Tavares e Rodrigo Lopes, que são os dois extremos: enquanto Flávio acredita que falta aos alunos do curso de jornalismo mais filosofia, ética e história, Rodrigo Lopes defende que a faculdade deveria preparar-nos para o mercado de trabalho.

Acredito que, a partir desse prisma, é possível colocar em discussão, também, os motivos que levaram a “queda” do diploma de jornalista. Se a universidade pretende ampliar a área técnica de conhecimento e se equiparar aos cursos técnicos, os motivos para a exigência de um diploma de formação acadêmica perdem totalmente a razão de existência.

Ao longo do tempo, a figura do jornalista foi se modificando, perdendo o status de agente transformador da sociedade, e ganhando outros julgamentos totalmente variados, que vão de vilão à celebridade. Isso porque os motivos pelos quais se seguia na carreira, bem como as motivações para permanecer nela, como vimos aqui, também eram totalmente distintos dos atuais.

Percebi, durante as entrevistas, as diferentes motivações pelo exercício da profissão, até na “empolgação” com que relatavam fatos diversos de suas carreiras. Flávio Tavares, por exemplo, narrou, emocionado, o momento em que ele e seus colegas do Última Hora transmitiram, dos porões do Palácio do Governo, o início da Campanha da Legalidade. O fato de estar presente e de ser um personagem atuante daquele momento da história pareceu ser o mais relevante para ele, enquanto jornalista – e por isso tem tantas críticas quanto ao que se faz hoje.

Enquanto isso, Caco Barcellos falou sobre o papel do jornalista e sobre o que é ser jornalista, na sua visão, principalmente a partir dos relatos da construção do livro *Rota 66*, que materializa suas sentenças acerca da profissão. Quando descobre algo tão grave, como foi o caso da Rota, Caco Barcellos se sente na *obrigação* de tornar aquilo público, para poder permanecer na profissão a qual, segundo ele, tem um compromisso com a verdade - ou deveria ter.

Já Rodrigo Lopes, e talvez grande parte dessa nova geração, me parece mais preocupada com o seu “nome” no *roll* do jornalismo. Durante seus relatos de cobertura de grandes fatos históricos, o foco principal sempre parecia envolver o próprio repórter: seu mérito por chegar a lugares de difícil acesso e conseguir transmitir ao vivo essa conquista, o nome da empresa em que trabalha, que se valoriza por ter um repórter capaz de fazer essas transmissões e “marcar território”, como o próprio diz, etc.

Possivelmente essa visão, totalmente pessoal da pesquisadora, possa ser analisada, também, a partir dos estudos da mudança do comportamento geral da sociedade, que se tornou mais egocêntrica e individualista em alguns aspectos. Assim como se pode ponderar que, hoje, a visibilidade do jornalista está fatalmente ligada à sua credibilidade diante da população. O fato é que esses diferentes motivos pelos quais se “é” jornalista hoje e pelos quais se “era” jornalista em outros tempos podem ser questionadas a partir dessas entrevistas, mesmo quando os entrevistados não foram questionados sobre isso.

6. Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. FGV Editora, Rio de Janeiro, 2004.

ARBEX JR., José. *Jornalismo Canalha – A promíscua relação entre a mídia e o poder*. Editora Casa Amarela, São Paulo, 2003.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e Imprensa*. Companhia das Letras, São Paulo, 2002.

DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. Ed. Atlas, São Paulo, 1985.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. *Indústria de Notícias – Capitalismo e Novas Tecnologias no Jornalismo Contemporâneo*. UFRGS Editora, Porto Alegre, 2008.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 7.^a ed. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2003.

MACIEL, Suely. História oral e as fronteiras com o jornalismo: possibilidade metodológica e proposta de um novo fazer. In: IV Encontro Nacional de Pesquisadores em jornalismo. Porto Alegre, nov. 2006.

MARTINS, Ana Luiza, DE LUCA, Tânia Regina. *Imprensa e Cidade*. Editora UNESP, São Paulo, 2006.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda*. Alfa - Omega, São Paulo, 1978.

MELLO, João Manuel Cardoso de. *O capitalismo tardio*. Ed. Unicamp, Campinas, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação & pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker, 2001.

SMITH, Richard Cândida. História oral na historiografia: autoria na história. Revista Digital de História Oral – disponível em <http://revista.historiaoral.org.br>

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. Paz e Terra, São Paulo, 1992.